



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

**VIOLÊNCIA SEXUAL E DE GÊNERO  
E SEUS SIGNIFICADOS EM HOMERO**

EMILY SANCHES ALMEIDA DE SOUSA

Brasília  
2024

# **VIOLÊNCIA SEXUAL E DE GÊNERO E SEUS SIGNIFICADOS EM HOMERO**

EMILY SANCHES ALMEIDA DE SOUSA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciada em História.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Camila da Silva Condilo

Brasília  
2024

**VIOLÊNCIA SEXUAL E DE GÊNERO  
E SEUS SIGNIFICADOS EM HOMERO**

BANCA EXAMINADORA:

Profª Drª Camila da Silva Condilo – UnB (Orientadora)

---

Prof Dr Henrique Modanez de Sant'Anna – UnB

---

Prof Dr Gustavo Junqueira Duarte Oliveira – PUC Campinas

---

**Data da defesa: 24/06/2024**

Brasília

2024

*Para todas as mulheres  
que me ajudaram a chegar até aqui  
e ser quem eu sou  
sejam elas da família que nasci  
ou escolhi.*

## RESUMO

Atos de violência sexual e de gênero podem ser vistos com frequência ao se analisar fontes históricas, sejam elas textuais ou não. Em um contexto de guerra, esses tipos de violência, que poderiam ser condenáveis ou ao menos vistos com maus olhos em tempos de paz, se tornam comuns ou até mesmo a regra. Nas obras de Homero (*Ilíada* e *Odisseia*) essa realidade não é diferente. Este trabalho analisa as mulheres homéricas e as violências perpetradas contra estas personagens, em um esforço de realizar um encontro entre a história das mulheres e das guerras antigas. Seu objetivo principal é elaborar um mapeamento e classificação dos tipos de violações sofridas por mulheres nos poemas a fim de esclarecer como essas violências podem ser instrumentalizadas e quais seus significados. Com isso, ofereço uma contribuição inicial para suprir a lacuna sobre as diferentes faces das violências contra as mulheres homéricas presente nos estudos especializados sobre Homero e para o debate na área de História Antiga em geral.

**Palavras-chave:** História Antiga; Homero; mulheres; violência de gênero; violência sexual.

## ABSTRACT

Acts of sexual and gender violence can often be seen when analyzing historic sources, whether textual or not. In case of a wartime context, these types of violence, which could be condemned or at least frowned upon in times of peace, become common or even the rule. In the works of Homer (*Iliad* and *Odyssey*), this reality also applies. This work analyzes Homeric women and the violence perpetrated against them, in an effort to make a connection between Women's History and the History of Warfare. Its main objective is to map and classify the types of violence suffered by women in the poems in order to clarify how these violations can be instrumentalized and what are their meanings. With this, I hope to contribute to fill the gap on the different faces of violence against Homeric women present in specialized studies and to the debate in the field of Ancient History in general.

**Key-words:** Ancient History; Homer; women; gender violence; sexual violence.

## SUMÁRIO

|   |           |
|---|-----------|
| <b>Introdução</b> .....   | <b>1</b>  |
| <b>Capítulo 1. As mulheres homéricas</b> .....  | <b>7</b>  |
| 1.1. <i>O espaço ocupado pelas personagens femininas na Ilíada e Odisseia</i> .....                               | 7         |
| 1.2. <i>Mulheres homéricas em estudos especializados</i> .....  | 9         |
| <b>Capítulo 2. A guerra homérica, as mulheres e as violações</b> .....  | <b>14</b> |
| 2.1. <i>Violência de gênero e as etapas de guerra em Homero</i> .....   | 14        |
| 2.2. <i>O tratamento de violência concedido às personagens em meio à guerra</i> .....                             | 17        |
| 2.3. <i>A conexão entre casamento, rapto e violência sexual</i> .....   | 24        |
| <b>Capítulo 3. As violências contra as mulheres na guerra e seus significados</b> .....                           | <b>29</b> |
| 3.1. <i>Violência sexual nas guerras contemporâneas como problema de pesquisa em estudos especializados</i> ..... | 29        |
| 3.2. <i>Os significados das violências sexuais e de gênero nas obras homéricas</i> .....                          | 36        |
| <b>Considerações finais</b> .....   | <b>42</b> |
| <b>Referências Bibliográficas</b> .....   | <b>45</b> |

## Introdução

Atos de violência sexual e de gênero podem ser vistos com frequência ao se analisar fontes históricas diversas, sejam elas textuais ou não. Esses tipos de agressões ocorrem em diversas sociedades e em diversos momentos históricos, entretanto, elas tomam formas diferentes a depender da conjuntura social e cultural que formam os contextos particulares de cada violência (Merry, 2009, p. 3). No caso de um contexto de guerra, esses tipos de violência, que poderiam ser condenáveis ou ao menos vistos com maus olhos em tempos de paz, se tornam comuns ou até mesmo a regra, algo completamente naturalizado naquele espaço. Isso se deve ao fato de que a violência de gênero é uma peça-chave para o fazer da guerra, pois esses atos carregam consigo diversas conexões com o poder exercido por aquelas pessoas (Deacy & McHardy, 2015, p. 254). Como explicitado por Vikman (2005a, p. 21), sua perpetuação durante conflitos “cria e infla um ódio muito além da vítima e do violador”,<sup>1, 2</sup> ou seja, por mais que em certos casos esses atos de violência possam ser individuais, em sua maioria eles parecem seguir um objetivo maior: ganhar e demonstrar poder e controle sob os inimigos, além de machucá-los ainda mais, de forma psicológica.

Neste trabalho, opto por utilizar os termos violência de gênero e violência sexual pois são os termos que melhor capturam os vários problemas explorados. O primeiro é entendido aqui através da definição de Merry (2009, p. 3), que afirma que se trata de uma violência cujo significado depende das identidades de gênero das partes envolvidas. Esse termo tem um significado amplo que, para os propósitos desta pesquisa, melhor engloba a diversidade de violências que serão tratadas. Já a violência sexual é entendida não apenas como estupro, cujo significado e uso são muito limitados, mas envolve também outras ações violentas, como a inserção de objetos na vítima – tanto na vagina quanto no ânus, desmembramento etc. Ademais, esse termo é preferível pois há certa dificuldade em tratar do problema do consentimento na fonte, já que os momentos de violência geralmente são colocados através de eufemismos e metáforas.

---

<sup>1</sup> Todas as traduções de citação em língua estrangeira ao longo do texto são de minha autoria. As citações em sua língua original estão inseridas nas notas de rodapé.

<sup>2</sup> "creates and inflates hatred far beyond victim and violator"



Vale observar que essa é uma perspectiva que passou a ser mais estudada nas últimas décadas, já que por muitos anos a violência contra a mulher em um ambiente de guerra era um assunto marginal, pensada apenas como um subproduto e não como uma característica integral da guerra (Deacy & McHardy, 2015, p. 253). É a partir da década de 1990 que o interesse sobre essa temática ganha força, devido, em grande parte, a extensa cobertura midiática dos estupros ocorridos em meio a Guerra da Bósnia<sup>3</sup> e os conflitos em Ruanda<sup>4</sup> (Gottschall, 2010, p. 129; Heineman, 2011, p. 1). Por esse motivo, muitos dos estudos se concentram nas significações dessas violências nas guerras contemporâneas, discutindo também as questões das Relações Internacionais, Direitos Humanos, Ciência Política, Filosofia Feminista etc. (Gaca, 2011, p. 73; Deacy & McHardy, 2015, p. 253). Porém, existem milênios de conflitos que precedem os contemporâneos, dos quais sabemos muito pouco sobre esse aspecto em específico.

Essa é uma realidade quando se trata dos estudos clássicos, pois podemos encontrar poucas intersecções entre os estudos das mulheres e os estudos de guerra. A primeira onda de estudos acadêmicos sobre as mulheres antigas começou a se formar durante meados do século passado, alavancada pelo progresso do feminismo e a maior inserção de mulheres nos meios acadêmicos (Petris, 2020, não paginado) e, concomitantemente, houve um reavivamento do interesse no estudo de guerras (Gaca, 2015, p. 278). Entretanto, por mais que essas vertentes estivessem se desenvolvendo e prosperando ao mesmo tempo, isso não significa dizer que houve encontros entre elas, pelo contrário: desde então, os estudos de guerras antigas e mulheres na Antiguidade têm trilhado caminhos separados, como se não houvesse razão para se encontrarem (Gaca, 2015, p. 278). No entanto, recentemente esse cenário começou a mudar com trabalhos como os de Loman (2004), Vikman (2005a), Gaca (2008, 2010, 2011, 2015), Zieliński (2019), dentre outros.

---

<sup>3</sup> A Guerra da Bósnia ocorreu entre os anos de 1992 e 1995, sendo parte dos conflitos que levaram a desintegração da antiga Iugoslávia (cf. Stiglmyer, 1994, p. 1-34). Os estupros tiveram um papel único nesta guerra, sendo centrais para a conquista como parte de uma “limpeza étnica” (cf. Gutman, 1994, p. iv-xiii; Stiglmyer, 1994, p. 17-22). Estima-se que 60.000 mulheres mulçumanas bósnias foram estupradas e torturadas sexualmente em campos construídos especialmente para esse tipo de violência (Littlewood, 1997, p. 8; Seifert, 1994, p. 54).

<sup>4</sup> A Ruanda passou por um processo de guerra civil entre os anos de 1990 e 1994, atingindo seu ápice de violência ao final do conflito, que se desencadeou em um genocídio (para entender sobre o contexto cf. Bijleveld, Morssinkhof & Smeulers, 2009, p. 211-213). Neste meio, cerca de 350.000 mulheres foram estupradas, o que também foi considerado parte do genocídio como no caso iugoslavo (Bijleveld, Morssinkhof & Smeulers, 2009, p. 219; cf. Mullins, 2009; Sharlach, 2000).

Ao analisar conflitos contemporâneos, são muitas as perspectivas que podem ser exploradas – atualmente, temos acesso não só ao ponto de vista da vítima, mas também do perpetrador da violência, o que pode facilitar o entendimento das suas razões e intenções por trás do ato. Porém, o oposto ocorre quando o assunto são os conflitos antigos. Via de regra, não se tem acesso nem ao ponto de vista dos perpetradores, muito menos da vítima. Dessa forma, como podemos analisar e tentar explicar os motivos pessoais desses soldados, por exemplo? Ou então pensar nas consequências desses atos nas vidas das vítimas? Acredito que esta seria uma tarefa impossível. O que podemos fazer é analisar os discursos e relatos que aqueles historiadores e poetas nos deixaram, tentando entender a significação desses atos para o exército e a sociedade como um todo. Pensando nisso, acredito que para analisar esses fenômenos na Antiguidade, as fontes que consideramos hoje como literárias são ideais e, nesse contexto, as obras homéricas se destacam.

Aquele que tradicionalmente convencionou-se chamar de Homero – seja ele na realidade apenas um único aedo, um número de compositores diferentes ou até mesmo uma tradição (Neto, 2014, p. 109; Moreno, 2015, p. 153) – deixou algumas obras que chegaram até o presente das quais duas são objeto de estudo deste trabalho: a *Ilíada* e a *Odisseia*. Trata-se de dois poemas, cada um dividido em 24 cantos. O primeiro narra os acontecimentos em torno do cerco a queu da cidade de Troia próximo ao fim do conflito enquanto o segundo acompanha a jornada e as aventuras do herói Odisseu no retorno para sua casa na ilha de Ítaca após o término da Guerra de Troia. As duas épicas, portanto, convergem ao mostrar ao leitor as realidades em torno de uma guerra: enquanto a *Ilíada* se insere no meio do combate, a *Odisseia* apresenta o mundo após ele. Dessa forma, ambas as narrativas apresentam realidades interessantes de serem analisadas.

Essas duas obras são relevantes para este estudo por dois motivos principais. Em primeiro lugar, os poemas, em especial a *Ilíada*, possuem como um dos seus motes a tomada de uma cidade em um contexto de guerra e as suas consequências. Essa conquista não é apenas física e nem envolve apenas a apoderação de objetos materiais: ela também possui aspectos simbólicos e psicológicos que estão impressos nas ações dos soldados e nas violências por estes perpetradas, muitas delas contra mulheres, como é o caso do rapto e do estupro, cuja alusão ocorre diversas vezes durante as obras. Dessa forma, ao nos dar acesso às dinâmicas do conflito, da invasão de uma cidade e, mais importante, do

tratamento e do destino das vítimas femininas da guerra, Homero se sobressai como uma fonte crucial para um estudo que se preocupa com as mulheres inseridas nesse contexto, já que “historiadores dos quinto e quarto séculos dão poucos detalhes específicos sobre o verdadeiro destino das vítimas femininas durante a guerras” (Vikman, 2005a, p. 26).<sup>5</sup>

Em segundo lugar, nas obras de Homero, especialmente na *Ilíada*, temos uma oportunidade que dificilmente seria encontrada se trabalhássemos com fontes tradicionais da historiografia: somos apresentados não apenas a vítimas, mas a algumas mulheres com nomes, rostos e sentimentos. Esse tipo de fonte nos permite ter acesso não apenas à vítima na perspectiva do perpetrador da violência, ou seja, a vítima como um mero objeto, um meio para outros fins, mas também nos permite ter acesso a elas como indivíduos imbuídos de agência, sentimentos e pensamentos complexos, cruciais para entendermos melhor o contexto em que vivem e todas as constantes violências que as cercam.

Dessa forma, é interessante que exista a possibilidade de pensar sobre um problema de pesquisa contemporâneo tão específico a partir de uma obra cuja tradição é tão antiga, remontando à Idade do Bronze. Suas obras são tão ricas e complexas que ainda permitem o surgimento de novos trabalhos. Os vários estudos já exploraram temas como autoria (Turner, 1997; Fowler, 2006b), relação com a História (Oliveira, 2008, 2012), tradição oral (Parry, 1930; Oliveira, 2008), recepção e influência (Porter, 2006; Doherty, 2020), além de trabalhos com tópicos mais específicos da narrativa, como a questão do heroísmo (Price, 1973; Clarke, 2006), da guerra (Harrison, 1960; van Wees, 1994) e das identidades (Yamagata, 2005; Oliveira, 2013). Portanto, ao passo que as mulheres no presente têm tido cada vez mais espaço para expor as violências as quais foram submetidas em conflitos e uma nova onda de estudos especializados focam neste tipo específico de agressão, também é importante se virar para o passado distante – para aquelas mulheres que não podem mais falar – e analisar suas experiências e vivências durante a guerra, que ao contrário do que se normalmente pensa, são muito mais próximas ao conflito.

Como a presente pesquisa discute as diferentes violências contra mulheres em um momento de guerra, é importante desconstruir a ideia de que uma campanha bélica seria apenas um conflito armado entre homens, pois, como explicitado por Gaca (2011, p. 76),

---

<sup>5</sup> "historiographers of the fifth and fourth centuries give few specific details of actual fates of female victims during wars"

quando se trata de Antiguidade, essa é apenas a metade da história. Nas fontes gregas antigas, a guerra seria um procedimento de violência sistemática com duas fases distintas: a primeira delas, forte no imaginário de todos, é a matança ocorrida entre os homens; a segunda, longe de estar no entendimento geral sobre a guerra, é a “andropodização” de mulheres e crianças (Gaca, 2011, p. 78). Esse termo parte de um anglicismo de duas palavras gregas (*ἀνδραποδίσειν* e *ἀνδραποδίζεσθαι*) feito por Gaca (2010, p. 121-122; 2011, p. 77-79), que explica que a ação de andropodizar:

significa envolver-se em práticas parcialmente letais de violência premeditada e sistemática contra os habitantes restantes após os habitantes homens da comunidade ou região terem sido mortos ou suficientemente mutilados para que possam representar pouca resistência ou ameaça de retaliação futura. (Gaca 2011:79)<sup>6</sup>

Em outras palavras, quando falamos de guerra na Antiguidade, estamos falando de um conflito com distinções de gênero e idade explícitas, cuja subjugação e violência sexual contra mulheres e meninas é uma peça importantíssima para o fazer da guerra (Gaca, 2011, p. 79). Essas distinções e violências são claras em uma análise das obras homéricas: o conflito é indicado como homens matando e morrendo (*Il.* 8.64-65) e as mulheres são invocadas como vítimas, com os soldados instigando uns aos outros a partir da ideia de que irão subjugar as troianas para vingar os sofrimentos de Helena (*Il.* 2.354-356). Trata-se de um tipo de violência dominante nos modelos de guerra que Gaca (2011, p. 80-87) define como predatória e retaliatória, presentes nas épicas homéricas.

Este trabalho, portanto, se insere no esforço de realizar um encontro entre a História das Mulheres e das Guerras Antigas com o intuito de responder às seguintes questões: Como as mulheres são apresentadas nas obras homéricas? Existem alusões a violências cometidas contra elas? Se sim, quais são as razões, objetivos e conexões por trás de tais agressões? As hipóteses são a de que as mulheres possuem preponderância nas obras, mesmo que muitas vezes sejam colocadas em posição de submissão, e a de que é possível constatar esses tipos de violência contra as personagens femininas e sua consequente instrumentalização nos poemas homéricos. Com isso, ofereço uma

---

<sup>6</sup> "means to engage in partly lethal practices of premeditated and systematic violence against the remaining inhabitants once the male inhabitants in the community or region have been killed off or sufficiently maimed so that they can pose little resistance or threat of future retaliation"

contribuição inicial para suprir a lacuna sobre as diferentes faces das violências contra as mulheres homéricas presente nos estudos especializados sobre Homero e para o debate na área de História Antiga em geral.

Dessa forma, o objetivo principal é realizar um mapeamento e classificação dos tipos de violência sofridas por mulheres nos poemas homéricos a fim de esclarecer como essas violações podem ser instrumentalizadas e quais seus significados. Esse objetivo principal se desdobra em três secundários: a reflexão sobre o papel feminino nos poemas, o reconhecimento da existência de violências de gênero e sexuais nas obras e a identificação de uma conexão entre casamento, rapto e estupro. Com a reflexão sobre o papel feminino nos poemas, pretendo demonstrar como as personagens e o rumo de suas vidas são centrais para o desenvolvimento da narrativa; com o reconhecimento da existência de violências de gênero e sexuais nas obras, procuro incutir esse entendimento na discussão sobre as violências realizadas contra as mulheres homéricas; já com a identificação da conexão entre o casamento, rapto e estupro, compreendo como essas categorias são apresentadas de forma correlata em Homero e, portanto, devem ser analisadas em conjunto. Destarte, defendo que nestas épicas as violências de gênero e sexuais são importantes para o desenvolver da narrativa e como, além disso, são instrumentalizadas para machucar o inimigo moral e psicologicamente. Para esse fim, utilizarei como fontes os poemas homéricos (*Ilíada* e *Odisseia*) nas traduções de Christian Werner (2018) e eventualmente me apoiarei em outras traduções a fim de sanar possíveis dúvidas e identificar convergências e divergências entre os trabalhos.

Nesse sentido, o trabalho está estruturado da seguinte maneira: há uma discussão inicial sobre as mulheres homéricas tal como aparecem nas obras e como geralmente são lidas por pesquisadores. Em seguida passo a discutir a questão da violência de gênero, o que ela significa e como aparece nos conflitos homéricos. Nesse ínterim, há uma exemplificação da aparição de diversas violências perpetradas contra algumas personagens durante a *Ilíada* e a análise da conexão entre três categorias importantes: o casamento, o rapto e a violência sexual. Por último entrarei na discussão específica sobre a violência sexual no campo de batalha, as teorias contemporâneas e as possíveis significações e utilizações das violências discutidas no escopo do trabalho.

# Capítulo 1

## As mulheres homéricas

### 1.1 O espaço ocupado pelas personagens femininas na *Ilíada* e *Odisseia*

A narrativa homérica nos apresenta diversas personagens femininas, sejam elas mortais, deusas ou monstros. Entretanto, no caso das mulheres mortais, mesmo que o rumo de suas vidas seja fulcral para o desenvolvimento das histórias, elas não tendem ao protagonismo, sendo apenas mencionadas pelos homens ou vistas realizando trabalhos tidos como femininos, tal qual a tecelagem e o gerenciamento das atividades domésticas. Sua presença pode ser percebida principalmente no ambiente domiciliar, sendo anfitriãs, escravas ou até mesmo espólios de guerra e é possível perceber que suas identidades são sempre relativas à família, ao *oikos* e ao seu relacionamento com algum homem (mãe de, filha de, esposa de...) (Franco, 2012, p. 60; Deserto, 2016, p. 337). Isso equivale dizer que, por mais que sejam centrais para os acontecimentos em ambos os poemas, as mulheres têm suas vidas ditadas por vozes masculinas e poucas vezes encontram espaço para algum tipo de subversão – pelo menos de forma direta e explícita.

Ainda que a narrativa homérica sobre as mulheres esteja centrada no ambiente doméstico, isso não significa que elas estão inseridas em um cenário pacífico: na *Ilíada* é possível encontrar mulheres tanto no *oikos* e na cidade quanto nos acampamentos gregos em Tróia, que, mesmo que temporários e em um ambiente hostil, servem como lar para soldados e suas escravas durante todo o longo período do conflito. Aqui, há uma divisão clara entre o acampamento, onde as mulheres aparecem como cativas de guerra, e a cidade de Tróia, um lugar com mulheres de status elevado que são tratadas de forma honrosa (Lyons 2020b:405). Independentemente de seus status, as personagens femininas tendem a ter um distanciamento da batalha ocorrida entre os homens, mas a guerra tem uma influência direta em suas vidas que se traduz de diversas formas, como, por exemplo, na destruição de suas famílias ou da tomada delas próprias como espólio. É nesse contexto que podem ser notadas diversas violências para com as mulheres.

Na *Ilíada*, essas violações podem ser percebidas de forma recorrente já que, por muitas vezes, a aparição de mulheres nesse poema está atrelada a alguma violência. É o

caso, por exemplo, de Briseida, que representa a situação trágica das mulheres nesse poema, mesmo que de forma mais radical (Farron, 1979, p. 27): essa personagem é uma mercê de Aquiles, raptada e tomada como escrava e que, como tal, foi levada para o acampamento de Tróia. Já com seu mundo deixado para trás, Briseida é raptada novamente, desta vez por Agamemnon após ele perder sua própria cativa de guerra, Criseida. Essa violação de sua posse é responsável pela ira de Aquiles, que, por sua vez, coloca em risco as chances de vitória dos aqueus.

A condição de Briseida como objeto digno de ser alvo de disputas não é algo único, podendo ser visto no caso de outras mulheres nos poemas (ex: Helena em *Il.* 2.160-162, 3.70-72, 3.156-160; Penélope em *Od.* 21.68-79). Entretanto, as violências na *Odisseia* são mais espaçadas durante a narrativa e, de modo geral, apresentadas de forma mais sutil, exceto na conhecida passagem onde Odisseu pune as mulheres escravizadas em sua casa, matando-as (*Od.* 22.457-472). Isso se dá porque, em contraste com a *Ilíada*, na *Odisseia* se é apresentado um mundo fora do campo de batalha, que conta com mais personagens femininas, sejam elas seres humanos ou deusas/seres imortais e, com apenas algumas exceções, as mulheres presentes na *Odisseia* são retratadas com traços mais positivos. De forma geral, as agressões que podem ser percebidas nesse poema se encontram em referências de personagens à conflitos e conquistas passadas (*Od.* 3.153-154; 9.41; 14.264-265).

Assim como na *Ilíada*, pode-se ver na *Odisseia* mulheres aqueias circunscritas ao ambiente do *oikos* e em suas tarefas domésticas. Mesmo assim, temos contato com suas ações dentro desse espaço e toda a preponderância que possuem ali que, por vezes, permitem algum tipo de subversão. É o caso de Penélope, por exemplo, que, mesmo aparecendo como modelo de virtude, procura subverter aquilo que lhe é imposto pelos pretendentes que tomam a sua casa com sua astúcia. Nesse sentido, também pode-se pensar na rainha dos feácios, Arete, cujo poder e influência ultrapassam o limite domiciliar e, mesmo não sendo vistos com normalidade ainda nos poemas, são muito notáveis para pensar nas diferentes posições que as mulheres ocupam nessa épica. Não obstante, mesmo que se trate de uma narrativa em um momento de paz, há diversas menções a guerras, incluindo a de Tróia (*Od.* 4.257-4.264; *Od.* 9.39-9.42; *Od.* 22.228-22.230). Aqui, fica claro o costume de tomar mulheres como espólio em conflitos, assim como a conseqüente violação de seus corpos. É interessante notar que mesmo se tratando

de uma narrativa com menos alusões à violação sexual de mulheres, especialmente no contexto de guerra, há menções mais diretas sobre o assunto, explicitando a ocorrência de estupros (*Od.* 11.580; *Od.* 22.37), o que geralmente não ocorre na literatura grega em geral (Bodiou & Briand 2015:22).

Diante do exposto, é interessante pensar nos cenários que Homero nos apresenta e como as narrativas e ações relacionadas às mulheres funcionam dentro deles. Sua presença é essencial para o decorrer dos poemas, com seus papéis geralmente se limitando ao ambiente doméstico, mas ainda assim há espaço para rupturas além do papel que lhes é imposto. Como sublinhado por Whittaker (1995), a posição feminina nessa sociedade “era inferior e subordinada, mas mulheres não eram consideradas seres inferiores” (Whittaker, 1995, p. 40).<sup>7</sup> Ainda, muito se é oferecido para pensar a respeito da violência sofrida pelas mulheres presentes nos poemas, que é comum e serve como força motriz para as principais questões narrativas das obras.

## 1.2 *Mulheres homéricas em estudos especializados*

Devido à relevância e à importância de Homero desde a Antiguidade até os dias atuais, são diversos os estudos que pensam seus trabalhos das mais diversas perspectivas, abordagens e áreas do conhecimento. Uma vertente de estudos particularmente vasta é o caso das mulheres nos poemas, que possui uma bibliografia muito diversificada, contando com abordagens variadas. Isso é possível pois mesmo que as obras homéricas sejam centradas no heroísmo masculino, as mulheres ali presentes possuem posições centrais nas narrativas (Lyons, 2020b, p. 405). Na *Ilíada*, essa centralidade se traduz na tentativa da conquista, recuperação e defesa de mulheres, com Menelau e Agamemnon lutando por Helena e com a recusa de Aquiles a participar da batalha devido à tomada de seu espólio, Briseida, por Agamemnon. Enquanto isso, na *Odisseia*, a centralidade das mulheres se mostra na recuperação da família e do casamento, principalmente a partir da difícil jornada de Odisseu para retornar a Ítaca e sua mulher Penélope que, por sua vez, sofre com as diversas investidas de pretendentes que ocupam sua casa na tentativa de tomá-la como esposa. Nesse sentido, é possível perceber diversas formas através das quais

---

<sup>7</sup> "was inferior and subordinate but women were not considered inferior beings"



personagens femininas aparecem nos poemas já que, para além das personagens citadas, ainda somos apresentados a diversas mulheres em Tróia, Ítaca e nos diversos lugares visitados por Odisseu em sua jornada. Trata-se tanto de mulheres mortais, que incluem desde escravas até figuras da elite, quanto deusas e monstros, que ajudam ou atrapalham as trajetórias dos personagens.

Apesar da proeminência das personagens femininas nos poemas, por muito tempo os estudos homéricos foram marcados pela sua ausência como objeto de estudo. Porém, com o progresso do feminismo e com a maior inserção de mulheres nos meios acadêmicos, esse cenário começou a mudar. Atualmente, a bibliografia sobre as mulheres homéricas é vasta e as discussões do campo apresentam diversas abordagens. Alguns pensam, por exemplo, em mulheres específicas dos poemas, principalmente Helena e Penélope (Mello, 1996; Deserto, 2016; Lessa & Maciel, 2018; Petris, 2020), enquanto outros tecem discussões mais gerais, como a relação dessas mulheres com o trabalho e com as mulheres micênicas (Franco, 2012; Olsen, 2015). No entanto, há entre esses trabalhos alguns debates recorrentes, como é o caso do estudo da presença feminina, sua agência nos poemas e ainda as violências sofridas por elas no decorrer da narrativa (Farron, 1979; Mello, 1996; Zieliński, 2019; Lyons, 2020b; Petris, 2020;).

Sobre a questão da presença e agência feminina em Homero, o debate tem sido bastante intenso, especialmente desde a década de 1990. Nessa discussão, alguns autores defendem que, em comparação com a *Ilíada*, a participação feminina é mais proeminente na *Odisseia*. Por outro lado, também podemos encontrar acadêmicos que ou argumentam que os papéis são similares nos dois poemas ou que as mulheres possuem, sim, um papel central na *Ilíada*. Whittaker (1995, p. 30-31), por exemplo, argumenta que, embora a *Ilíada* possua personagens femininas notáveis, as mulheres não são vistas com frequência e não são geralmente o foco de interesse. Para essa autora, as mulheres na *Odisseia* estariam muito mais presentes e com funções importantes, o que permite uma concepção mais clara dos papéis de gênero nesse poema. De forma similar, para Franco (2012, p. 58-59) e Lyons (2020b, p. 405-406), as mulheres possuem papéis relevantes em ambos os poemas, mas enquanto na *Ilíada* elas são retratadas como vítimas indefesas, na *Odisseia* essas figuras femininas possuem uma participação mais ativa e com um certo grau de agência em instituições como o casamento, por exemplo. Indo contra essa visão mais predominante sobre as mulheres na *Ilíada*, Farron (1979, p. 15) defende que essas

figuras possuem um papel significativo em todas as cenas ocorridas em Tróia. Por fim, outra perspectiva é apresentada por Petris (2020, não paginado), a qual defende que os papéis se mantêm parecidos nas duas narrativas: homens com papéis ativos e mulheres com passivos.

Ainda sobre a presença feminina nos poemas, como já mencionado, sua identidade é constantemente ligada a um homem (Franco, 2012, p. 60; Deserto, 2016, p. 337). Tratava-se de um mundo onde era esperado uma atitude passiva da mulher, cujo comportamento não poderia ultrapassar seus limites domésticos, enquanto as figuras masculinas deveriam provar-se grandes e honrados guerreiros (Whittaker, 1995, p. 32; Petris, 2020, não paginado). Contudo, é notável algum nível de subversão em seus papéis que podem ultrapassar “o lugar estreito e limitado que lhes estava reservado em termos sociais” (Deserto, 2016, p. 337), pois por vezes sua participação ameaça a construção social e estabilidade do mundo masculino (Deserto, 2016, p. 337), e temos personagens como Helena, por exemplo, que são capazes de subverter as relações de gênero vigentes através de características como a insubmissão e astúcia (Lessa & Maciel, 2018, p. 109).

Com relação às duas personagens que concentram o maior número de pesquisas, Helena e Penélope, as leituras são distintas, mas ainda assim possuem pontos de encontro, sendo importantes para a análise tanto dos papéis das mulheres na épica quanto sobre suas possíveis subversões. Aqueles que focam em Helena, em geral, versam sobre sua beleza e posição ambígua na Antiguidade e nos poemas (Deserto, 2016, p. 337-338; Lessa & Maciel, 2018, p. 104; Petris, 2020, não paginado). Helena é retratada como alguém muito próxima da guerra (Lessa & Maciel, 2018, p. 104; Petris, 2020, não paginado), mas o nível de suas ações e o tratamento dado a ela por outros personagens é alvo de controvérsias. Enquanto Deserto (2016, p. 338) defende que ao longo da *Ilíada* “Helena aparece pouco e é particularmente poupada”, Farron (1979, p. 16-22) argumenta que esta personagem não é tratada como um ser humano, mas sim como um objeto, adicionando que ela é colocada na posição de assistir passivamente enquanto os homens determinam o curso dos eventos. Indo contra essa última premissa, Lessa e Maciel (2018, p. 105-108) veem uma grande capacidade de ação em Helena e procuram restituir a posição de agente da personagem. Ainda, essa personagem vive em um mundo com papéis de gênero muito claros, onde homens pertenciam à esfera pública e mulheres à privada, mas, de acordo com Whittaker (1995, p. 34) e Lessa e Maciel (2018, p. 144), Helena se encontra em uma

posição única e privilegiada: ela se mistura livremente com os homens e pode ser encontrada em espaços públicos.

Quando o assunto é Penélope, uma constatação é prevalente: a personagem é retratada de maneira positiva durante a *Odisseia*, devido principalmente a sua virtude e inteligência (Whittaker, 1995, p. 39; Franco, 2012, p. 60-61; Sais, 2016, p. 17-18; Petris, 2020, não paginado). Entretanto, a significação dessas características e se elas são utilizadas de forma passiva ou ativa por Penélope são alvo de debates. Por exemplo, enquanto Franco (2012, p. 61) aponta que sua atitude não é passiva – principalmente por conta do truque da tecelagem e do controle que tem quando ele é descoberto –, autoras como Whittaker (1995, p. 31-40) e Petris (2020, não paginado) veem Penélope como uma personagem que respeita as divisões de gênero impostas em seu mundo, ficando até em uma posição de submissão. Whittaker (1995, p. 32) ainda vai além quando afirma que Penélope é reduzida a estratégias para manter sua posição, não conseguindo alcançar uma posição de autoridade no palácio justamente por ser mulher.

Portanto, podemos perceber como a leitura de ambas as mulheres é muito distinta, em grande parte por como são representadas na obra e pelo papel que desempenham nela. Ambas geralmente são retratadas em “atividades culturalmente associadas pelos gregos às suas esposas legítimas, como a tecelagem, o gerenciamento das criadas, a vinculação à roca” (Lessa & Maciel, 2018, p. 105-106), mas enquanto Helena é tida para muitos personagens como o motivo do conflito e de tantas agruras, Penélope é colocada como um modelo de mulher virtuosa e astuta. Mesmo assim, é possível perceber conexões entre as duas, já que ambas são lidas como mulheres muito inteligentes (Sais, 2016, p. 17-18) e, para alguns autores, como capazes de tentar tomar as rédeas de seu destino: Helena através da subversão dos papéis de gênero (Lessa & Maciel, 2018, p. 109) e Penélope por meio do seu truque com os pretendentes (Franco, 2012, p. 61).

Pensando agora no conjunto de mulheres apresentadas na obra, autores como Farron (1979, p. 16-27), Mello (1996, p. 216), Zieliński (2019, p. 2-14), Lyons (2020b, p. 405) e Petris (2020, não paginado) concordam que essas figuras femininas são vistas pelos homens como posses, igualadas a prêmios que podem ser conquistados e utilizados como símbolo de status. Além disso, Zieliński (2019, p. 1) discorre sobre como esse estado de objetos torna claro a maneira pela qual as mulheres são vítimas de guerra de uma forma muito particular, uma vez que, diferentemente dos homens, elas permanecem

vivas, mas são subjugadas a diversos sofrimentos, como é o caso do rapto, da tomada como espólio e do estupro. Aqui, vale ressaltar que esse não é um tema recorrente apenas nos estudos homéricos, mas também em trabalhos sobre mitos e história grega no geral, os quais discutem mais profundamente o tema da violência na Antiguidade grega e suas complexas ramificações, como, por exemplo, os estudos de Bodiou & Briand (2015) e o do importante livro *Rape in Antiquity*, editado por Deacy e Pierce (2002).

Em conclusão, a bibliografia sobre as mulheres homéricas apresenta diversas abordagens e debates, desde a presença feminina nos poemas até as violências sofridas por elas. A agência feminina é um tema central nas discussões, com autores argumentando tanto pela presença mais proeminente das mulheres na *Odisseia* quanto pela importância das personagens femininas na *Ilíada*. É notável que as identidades das mulheres nos poemas são sempre relativas à família e ao seu relacionamento com algum homem e que elas são subjugadas a diversas formas de violência e tratadas como posses pelos homens. Nesse sentido, ainda há muito a ser estudado.

## Capítulo 2

### A guerra homérica, as mulheres e as violações

#### 2.1 Violência de gênero e as etapas de guerra em Homero

Ao falar de violência contra as mulheres, à primeira vista parecemos nos afastar da história tradicional, ou seja, aquela que trata de acontecimentos públicos, atividades políticas e grandes homens. Porém, um olhar minucioso pode mostrar que se trata do contrário. Por mais que esse tipo de história trate de elementos da vida pessoal, íntima e subjetiva daquelas mulheres, também estamos tratando de todos os elementos acima citados, principalmente a política. Em outras palavras, como dito por muitas feministas da década de 1960 ao ponto de tornar-se um slogan, “o pessoal é político” (Merry, 2009, p. 8).<sup>8</sup> Portanto, o intuito desta pesquisa não é analisar uma história feminina alienada da história dos homens, mas entender as violências de gênero e sexual tanto como uma história pessoal daquelas vítimas, quanto argumentar a sua relevância para Guerra de Troia e para os homens ali envolvidos.

Para tanto, entender o conceito da violência de gênero se torna fulcral. Como dito anteriormente, entendo esse conceito através das definições de Merry (2009, p. 3), que interpreta a violência através do gênero, ao definir que essa agressão é a que depende da identidade e do relacionamento de gênero das partes envolvidas para ter significado. A autora ainda argumenta que esses relacionamentos “são utilizados para explicar e até justificar a violência” (Merry, 2009, p. 3),<sup>9</sup> dando o exemplo de um soldado que utiliza a justificativa de desonrar o inimigo ao estuprar uma mulher que seria do adversário. Muitas formas de violência de gênero podem ser encontradas em meio a conflitos e guerras e, por isso, o tema têm tomado notoriedade nas últimas décadas. O interessante é que mesmo que muitos desses estudos se concentrem em conflitos contemporâneos, já temos algumas autoras se dedicando aos conflitos antigos (Vikman, 2005a; Gaca, 2008, 2010, 2011, 2015; Deacy & McHardy, 2015), identificando que essas violências não só estavam

---

<sup>8</sup> "the personal is political"

<sup>9</sup> "are used to explain and even justify the violence"

presentes ali, mas também eram “uma parte integral do que motiva e molda o comportamento dos combatentes” (Deacy & McHardy, 2015, p. 253).<sup>10</sup>

Nesse ponto, é importante frisar que a violência de gênero é um termo que atualmente serve de guarda-chuva para diversos tipos de violência, que incluem desde a agressão física até “ações que invocam medo mesmo quando não há dano físico” (Merry, 2009, p. 4).<sup>11</sup> Trata-se de um conceito cujo significado é sempre uma questão de interpretação dentro de um determinado contexto cultural e social, já que cada sociedade define quais formas de violência são aceitáveis ou não (Merry, 2009, p. 22). Portanto, ao identificar as violências cometidas contra as mulheres homéricas, é sempre importante pensar o que essas violências significavam para aquelas pessoas no contexto da obra. Nesse sentido, por mais que este trabalho pense nos atos cometidos como violência de gênero, esse tipo de agressão na épica é visto como legítimo, tratado com normalidade e seus perpetradores são vistos como heróis.

Gaca (2010, 2011) evidencia uma peça importante da violência de gênero no mundo antigo: a “andropodização”. Tradicionalmente o uso desse conceito, tanto em contextos antigos quanto em estudos contemporâneos sobre a Antiguidade, se refere a um sentido mercantil de pessoas escravizadas. Gaca (2010, p. 126), porém, identifica essa utilização como proveniente de uma falsa etimologia que possui autoridade até hoje e procura ressignificar o termo a partir de seu uso militar. A partir de autores antigos, como Heródoto e Tucídides, é possível inferir que, quando se trata de um conflito, andropodizar significa “escolher, apreender e depois manter ou traficar mulheres jovens, meninas e meninos de uma comunidade conquistada” (Gaca, 2010, p. 158).<sup>12</sup> Trata-se, portanto, de um método específico de se fazer guerra no mundo antigo, que implica subjugar aqueles que não estavam diretamente envolvidos no conflito armado, sendo estes, geralmente, mulheres, crianças e idosos.

Essa violência acontece após a primeira etapa da guerra ter sido finalizada, que consiste na peleja entre homens. Após isso, há a subjugação “pela lança” (esse tipo de expressão pode ser notada em *Il.* 9.343) daqueles que são os mais desejáveis na cidade conquistada, geralmente meninas e mulheres, com os menos desejáveis geralmente sendo

---

<sup>10</sup> "an integral feature of what motivates it and shapes the behaviour of combatants"

<sup>11</sup> "actions that evoke fear even when there is no physical harm"

<sup>12</sup> "to pick, seize, and then keep or traffic in young women, girls, and boys among an overthrown community"

mortos deliberadamente (Gaca, 2010, p. 136-142). Isso equivale dizer que “quando soldados andropodizam cativas, eles se envolvem em agressões agravadas e armadas contra suas pessoas físicas” (Gaca, 2010, p. 134).<sup>13</sup> Trata-se de um tipo de violência de gênero que, embora não seja mencionada em Homero pelo termo andropodizar, é muito proeminente em sua épica. Distante de um ambiente desordenado, o tratamento padrão dado pelos soldados para as vítimas – matar os homens e estuprar e escravizar (ou andropodizar) as mulheres – indica a existência de algum tipo de regra de conduta (Vikman, 2005a, p. 25). A diferença de tratamento aparenta depender do gênero e da idade da vítima, indicando, portanto, que “Homero imaginava um claro código de tratamento que aderiria a princípios de gênero” (Vikman, 2005a, p. 25).<sup>14</sup> Ainda, esse método de guerra em duas fases é posto como a norma nas épicas, de forma que uma das motivações conferidas aos soldados é a proteção de suas mulheres e crianças:

Vamos, juntos pelejai nas naus; quem de vós,  
atingido ou golpeado, alcançar o destino de morte,  
que morra. Não é ultrajante, a quem se defende pela pátria,  
morrer; sua esposa e filhos estarão a salvo no futuro,  
e casa e gleba intactas, se os aqueus  
rumarem com as naus a sua cara terra pátria. (*Il.* 15.494-499; ver também *Il.*  
17.223-224; 18.265; 21.587-588; *Od.* 11.397-403; 24.106-113)

Para entender essas violências, além do exposto, é preciso analisar não apenas as zonas de conflito, mas também os lugares que são pacíficos, mas militarizados (Heineman, 2011, p. 2), como é o caso das bases militares próximas ao campo de batalha em Tróia. Em Homero, pensar nessa sobreposição é importantíssimo, pois ao mesmo tempo em que temos o exemplo de soldados sendo motivados através da promessa da subjugação de mulheres (*Il.* 2.354-356; 3.298-301), também temos exemplos de mulheres já andropodizadas nos acampamentos gregos em torno da batalha, como Briseida e Criseida, por exemplo.

A partir do explicitado neste tópico, pode-se perceber que muitas violências são infringidas às mulheres em um contexto de guerra. O *modus operandi* dos conflitos na Antiguidade geralmente constitui em um tratamento binário que depende do gênero e idade das vítimas, com homens sendo mortos em campo de batalha e as mulheres e

---

<sup>13</sup> "when soldiers andropodize captives, they engage in armed and aggravated assault against their bodily persons"

<sup>14</sup> "Homer imagined a clear code of treatment that adhered to gendered principles"

crianças sendo andropodizadas na cidade após a conquista. Em Homero, esse tipo de violência de gênero é notado mesmo que não seja descrito na obra com o termo “andropodizar”, mas, neste trabalho, escolho utilizá-lo a fim de referenciar o grupo de violações tratadas e a sequência de acontecimentos de forma sintética. Nesse sentido, são diversas as violências que ocorrem na narrativa e é de grande valia analisar cada uma delas levando em consideração personagens-chave para esse estudo: Criseida, Briseida, Andrômaca, Cleópatra e Helena.

## 2.2 O tratamento de violência concedido às personagens em meio à guerra

Em Homero, a guerra é central para a narrativa, assim como era uma “das características básicas da realidade histórica da Antiguidade” (Antela-Bernárdez, 2008, p. 307).<sup>15</sup> Conforme discutido no tópico anterior, a guerra possuía duas fases distintas: primeiramente há o combate armado entre os homens e, após seu término, há a conquista da cidade e a andropodização de crianças e mulheres. Nesse meio, a vitória era vinculada à mulher, de forma que o “gênero se torna aqui uma espécie de condicionante de futuro, já que aqueles que morrerão pela pátria serão heróis, mas aquelas presas na pátria vencida não têm, tradicionalmente, outro destino que o de ser parte do espólio” (Antela-Bernárdez, 2008, p. 308).<sup>16</sup> Essas mulheres, portanto, eram sujeitas a diferentes tipos de violência, que incluíam a concubinação, prostituição e casamento forçados, além de serem obrigadas a realizar tarefas e trabalhos não-sexuais (Gaca, 2011, p. 80). Durante seus poemas, especialmente na *Ilíada*, Homero deixa claro a posição frágil em que as mulheres se encontram durante a guerra e, neste meio, a maioria dessas violências podem ser notadas. Discutirei elas a seguir, focando naquelas que algumas personagens emblemáticas da *Ilíada* sofrem – ou irão sofrer. O foco se dá especificamente nesse poema por se tratar de uma narrativa centrada na guerra. Por mais que a *Odisseia* possua passagens que rememoram o conflito, suas personagens femininas em geral não adentram

---

<sup>15</sup> “de las características básicas de la realidad histórica de la Antigüedad”

<sup>16</sup> “gênero se vuelve aquí una especie de condicionante de futuro, puesto que aquellos que morirán por la patria serán héroes, pero aquellas apresadas en la patria vencida no tienen, tradicionalmente, otro destino que el de ser parte del botín”



nas violências que podem ter sofrido durante a guerra e aquelas que sofreram em geral não são nomeadas.

A primeira personagem feminina apresentada na *Ilíada* é Criseida. Essa mulher é uma cativa de guerra, escolhida em um conflito anterior para ser o espólio de Agamêmnon. Crises, um sacerdote do deus Apolo, é o pai desta personagem e, como tal, tenta resgatá-la de seu captor, que, por sua vez, se recusa a devolvê-la. Por razão desta desonra, Apolo passa a prejudicar o exército aqueu e então Agamêmnon se vê forçado a devolvê-la para poupar suas tropas. Todos esses acontecimentos se dão no início do primeiro canto (*Il.* 1.1-120). Em meio às discussões dos homens, pode-se observar as condutas de Agamêmnon com Criseida. Ao falar dessa personagem, o aqueu a coloca em contraste com Clitemnestra, sua esposa legítima, deixando claro que Criseida não seria pior que ela em porte, na aparência, no juízo e nos trabalhos (*Il.* 1.113-115). Ainda, Agamêmnon, na recusa de devolvê-la ao pai, diz:

Não libertarei sua filha; a velhice a pegará antes,  
longe da pátria, em nossa propriedade em Argos  
ativa junto ao tear e procurando minha cama. (*Il.* 1.29-32)

A partir da comparação com sua “esposa legítima” e do trecho acima, fica claro que além de realizar trabalhos não sexuais, Criseida ainda serve de concubina para o seu senhor. Considerando que Agamêmnon é quem a mantém cativa e provavelmente é o responsável pela morte ou escravidão de pessoas queridas a Criseida, é quase intuitivo assumir que esta personagem não mantém relações sexuais de forma consensual com o seu senhor. Em uma situação parecida está Briseida – a cativa de Aquiles que é tomada por Agamêmnon e depois recuperada pelo seu captor original. Essa mulher também é um espólio de guerra, mas sua situação nos poemas e sua relação com seu captor possui suas peculiaridades. Isso porque, diferentemente de Criseida, Briseida é tida como uma esposa para Aquiles – que afirma que a ama, mesmo que ela tenha sido “adquirida pela lança” (*Il.* 9.340-343). A utilização desta expressão já é o suficiente para entender que se trata de um casamento forçado, mas, não obstante, Briseida possui uma fala durante a *Ilíada*, em que lamenta pela morte de Pátroclo. Por mais que seja curta e não adentre nos detalhes do seu passado ou mesmo de sua identidade, a personagem entra em pontos importantes:

O varão, a quem me deram o pai e a senhora mãe

vi diante da cidade, dilacerado por bronze agudo,  
e meus três irmãos, que para mim gerou uma única mãe,  
adorados, os quais alcançaram, todos, o dia ruinoso.  
Não me deixaste chorar quando o veloz Aquiles matou  
meu marido e destruiu a cidade do divino Mines,  
mas afirmaste que me tornaria a esposa legítima  
do divino Aquiles, me levarias a Ftia nas naus  
e darias festa pelas bodas entre os mirmidões. (*Il.* 19.291-299)

A partir de sua fala, é possível entender a posição frágil em que as mulheres são colocadas em meio à guerra. Briseida teve que assistir à morte de todos os seus irmãos e a de seu marido pelas mãos de Aquiles e logo recebeu a notícia que se tornaria esposa daquele que dilacerou sua família. É inegável que esta personagem pode ter sido poupada de um destino pior a partir desta atitude, mas também há de se inferir que o casamento com Aquiles não foi consensual, já que foi ele o responsável por tirar de Briseida toda a sua família e destruir sua cidade. A consensualidade (ou a falta dela) em um casamento sem dúvidas se reflete nas relações sexuais daquele casal e, assim como no caso de Criseida, pode-se deduzir que, ao menos inicialmente, as relações entre Briseida e Aquiles se tratavam de violações sexuais – estupros.

Além destas duas cativas, temos notícias de outras mulheres andropodizadas em conflitos anteriores, principalmente na *Odisseia*, mas Homero não as apresenta, apenas as cita como um grupo amorfo, capturado após uma batalha assim como o costume dita (*Il.* 2.689-691; 9.129-130; 20.191-194; *Od.* 3.153-154; 9.41; 14.264-265). O mesmo acontece quando há a ameaça de capturar e/ou violar as mulheres no conflito atual durante a *Ilíada* (*Il.* 2.354-356; 3.297-301; 4.238-239). Mesmo Briseida e Criseida, mulheres nomeadas (mesmo que este nome se trate de apenas um patronímico), a narrativa diz muito pouco sobre suas histórias. Essa perspectiva é interessante pois via de regra não é o que acontece com os personagens masculinos, pelo contrário. No mundo de violência da *Ilíada*, mesmo no caos da batalha, cada homem morto ou ferido “tem um nome, uma família, e uma vida específica que foi interrompida. Não há ‘soldado desconhecido’ em Homero: cada baixa é nomeada. Normalmente outros detalhes são acrescentados – no mínimo o patronímico, o nome do pai do homem” (Graziosi, 2022, p. 98). Dessa forma, ainda de acordo com Graziosi (2022, p. 99), “ficamos dolorosamente conscientes de que toda morte é a perda de um homem específico, sobre o qual haveria mais a saber”. Esse, em geral, não é o caso das mulheres que sabemos que foram vítimas de conflitos passados

– a exceção é Briseida, que por ter uma breve fala, pode expor um pouco mais de sua história e suas emoções, mas, mesmo assim, é reduzida ao momento em que sua vida desmoronou.

Todavia, há de se dar crédito a Homero. Quando se trata das mulheres nomeadas na *Ilíada*, que em sua maioria são de classes privilegiadas e ainda não sofreram dessas violências (mas sofrerão ao fim do conflito), em geral, temos um pouco mais de acesso às suas histórias e o mais importante: aos seus sentimentos. São mulheres que mesmo que sejam colocadas na posição de um objeto a ser conquistado pelos homens, não necessariamente apenas aparecem como tal, então, é possível acessá-las como pessoas cuja vida foi ou está sendo rodeada de diversas violências, diretamente consigo ou indiretamente com os homens, mulheres e crianças ao seu redor – é o caso, por exemplo, de Andrômaca. Esta personagem é a esposa de Heitor e a obra põe o seu ouvinte/espectador/leitor em contato direto com ela quando seu marido retorna à cidade de Troia no Canto 6. Na conversa entre os dois, enquanto implora para seu marido não voltar ao combate pois sabe que ele seria morto, Andrômaca conta um pouco de sua história (*Il.* 6.407-439). Aquiles matou seu pai, seus irmãos e arrasou a cidade de Tebas. A mãe de Andrômaca teve o destino padrão das mulheres, sendo tomada como cativa por Aquiles – mas, diferentemente das outras, foi liberta em troca de um resgate, logo depois sendo morta. Devido a essa sucessão de atrocidades, Andrômaca só tem Heitor e seu destino depende completamente dele:

Heitor, tu és meu pai, a senhora minha mãe  
e meu irmão, tu és o meu vicejante consorte.  
Vamos, apieda-te e fica aqui mesmo na torre,  
não tornes teu filho um órfão, tua esposa, uma viúva. (*Il.* 6.429-432)

Enquanto fala com seu marido, essa personagem chora, deixando claro os seus sentimentos e o medo pelo seu futuro. Mesmo vendo Andrômaca nessa situação, Heitor se recusa a se afastar do combate, pois acredita que tem de ser nobre e combater na linha de frente entre os troianos (*Il.* 6.444-445). Ao fazer esta escolha, Heitor sabe qual o futuro que está reservando para a esposa e se dirige a ela com melancolia:

De fato, isto eu bem sei no juízo e no ânimo:  
chegará o dia em que a sacra Ílion perecerá,  
e Príamo e o povo de Príamo boa-lança.

A dor dos troianos não me ocupará tanto no futuro,  
nem a dor de Hécuba ou a do senhor Príamo,  
nem a dos irmãos, que, muitos e nobres,  
cairão na poeira sob a ação de varões inimigos,  
como a tua dor, quando um aqueu couraça-brônzea  
te levar aos prantos, após te tirar o dia da liberdade,  
e, em Argos, tramarás urdidura para outra mulher  
e levarás água da fonte Messeida ou da Hipereia,  
muito contra tua vontade, a brutal necessidade sobre ti.  
Um dia dirá alguém, mirando-te verter lágrimas:  
‘Essa é a esposa de Heitor, que excelia na peleja  
entre os troianos doma-cavalo, ao lutarem por Troia’  
Assim dirão um dia, e nova dor te afligirá,  
privada de homem tal que afastasse o dia da escravidão.  
Todavia a mim, morto, um monte de terra encobrirá  
antes de eu ouvir teu grito ao seres arrastada” (*Il.* 6.447-465)

Heitor demonstra nessa fala, em que se dirige à esposa, como é de conhecimento comum o que acontece com as mulheres após a derrota dos homens na batalha, algo inevitável mesmo sabendo de antemão o que ocorreria. Ainda, o personagem explicita alguns dos sofrimentos que seriam infligidos à Andrômaca nesta situação:<sup>17</sup> ela seria capturada contra sua vontade e obrigada a realizar trabalhos para quem quer que a possuísse. Mesmo assim, as prioridades são claras: o homem deve manter sua honra, ter uma morte digna de glória, de um guerreiro, mesmo que isso signifique que sua esposa e filho sofrerão nas mãos do seu inimigo.

Nesse sentido, outra personagem importante para esta discussão é Cleópatra, a esposa de Meleagro. Assim como Heitor sabia do destino de sua cômjuge, Cleópatra tinha o conhecimento do que aconteceria consigo caso o marido perdesse a guerra em que lutava. A história e os personagens, porém, não são contemporâneos aos acontecimentos da narrativa: eles fazem parte de um exemplo dado pelo cavaleiro Fênix para tentar persuadir Aquiles a deixar a ira de lado e voltar à luta (*Il.* 9.434-605). Meleagro era um guerreiro em meio a um conflito entre curetes e etólios, fazendo parte deste último grupo. Assim como Aquiles, esse personagem parou de lutar por ira e muitos suplicaram para que ele voltasse à batalha. Foi apenas quando sua esposa narrou o que aconteceria caso a cidade fosse tomada pelos curetes que Meleagro decidiu voltar ao campo de batalha:

---

<sup>17</sup> O destino de Andrômaca também é previsto em uma fala de Príamo em *Il.* 22.62-65. Neste trecho e nos versos a seguir, o personagem narra bem o que ocorre quando há derrota em um conflito.

Então a esposa acinturada suplicou  
a Meleagro, lamentosa, e contou-lhe todos  
os pesares dos homens que têm a urbe conquistada:  
matam os varões, o fogo reduz a cidade a pó  
e estranhos levam crianças e mulheres cintura-marcada.  
O ânimo dele se agitou ao ouvir os feitos vis  
e ele partiu, após vestir as armas ultracintilantes no corpo. (*Il.* 9.590-594)

Cleópatra afirma neste trecho o que foi discutido anteriormente em relação à conquista da cidade e andropodização de mulheres e crianças. É um fato conhecido por todos na narrativa e, imagina-se, que também ao público para o qual esta obra foi dedicada, sendo algo que acontece naturalmente e obrigatoriamente após a derrota de um povo no campo de batalha. Saber disso e estar na posição frágil ocupada pela mulher em meio à guerra parece causar medo tanto em Cleópatra quanto em Meleagro, que após escutar o que aconteceria com sua esposa, crianças e cidade, logo deixa sua raiva de lado para lutar e tentar evitar que essa série de atrocidades acontecesse.

Há ainda a personagem que talvez seja a mais emblemática da *Ilíada* – Helena. Alvo de muitas controvérsias e estudos, Helena é a primeira vítima do conflito, afinal, para muitos, a guerra começou por razão de seu rapto. Sua figura sempre foi ambígua, rodeada de muitas versões de diversos autores (é o exemplo de Homero, Eurípedes, Heródoto, Tucídides etc.), cada uma com suas próprias narrativas e juízos de valor, que, por sua vez, são transmitidos para quem tem contato com cada uma das obras. Quando se trata de Homero, os poemas não deixam claro se ela foi, de fato, voluntariamente ou não com Alexandre para Troia, mas trazem alguns indícios de que possivelmente Helena não teve escolha, já que teria sido influenciada por Afrodite e Zeus e levada por Alexandre (*Od.* 4.261-262; 23.218-224). Sua posição delicada é explicitada neste trecho:

"Heitor, em meu ânimo o mais caro de todos os cunhados:  
sim, meu marido é o divinal Alexandre,  
que me trouxe a Troia; que antes eu tivesse morrido!  
Agora este já é para mim o vigésimo ano  
desde que de lá parti e deixei minha pátria,  
mas de ti nunca ouvi palavra vil ou ofensiva:  
se qualquer outro em casa me reprovasse,  
cunhado, cunhada, concunhada belo-peplo  
ou a sogra (o sogro era sempre como pai gentil),  
então tu a ele, induzindo com palavras, continhas  
por causa de tua delicadeza e palavras suaves.  
Angustiada, choro a ti e também a mim, infeliz;

comigo ninguém mais, na ampla Troia,  
é gentil ou querido, e a todos atemorizo". (*Il.* 24.761-775)

Longe de sua cidade e de sua família, Helena expressa seu desgosto com sua estadia em Troia e ressalta que não há ninguém que a tratasse com gentileza além de Heitor e seu sogro, excluindo até mesmo seu marido, Alexandre (cf. *Il.* 3.172-180; 3.428-436; 6.334-358;). Sua infelicidade faz sentido quando pensamos que Helena está ali não apenas contra sua vontade, mas também servindo como esposa para o homem responsável por retirá-la de tudo aquilo que lhe era querido e familiar. Em outras palavras, através da forma que somos apresentados à essa personagem, com suas falas e emoções, fica explícito seu sofrimento por estar em Troia, casada com Alexandre. Levando em consideração todos os aspectos mencionados, pode-se inferir que seu casamento com esse personagem foi forçado, assim como as relações sexuais advindas dele – que sabemos que de fato ocorrem, pois no final do Canto 3, após Helena reprovar suas ações e falar que ele deveria ter morrido no campo de batalha, Alexandre diz:

Vamos, deitados em amor, deleitemo-nos;  
desejo nunca encobriu meu juízo desse modo,  
nem quando, no início, da encantadora Lacedemônia  
te raptei e navegava em naus cruza-mar,  
e na ilha rochosa uni-mos em lace amoroso –  
como agora te desejo e doce atração me toma".  
Falou e na frente rumou ao leito; junto seguia a esposa. (*Il.* 3.441-447)

A análise das histórias e falas destas cinco personagens (Criseida, Briseida, Andrômaca, Cleópatra e Helena), são essenciais para o escopo deste trabalho, pois permite que as diversas violências ocorridas com as mulheres durante os conflitos homéricos sejam observadas. Através delas, não apenas a ocorrência da andropodização é colocada em evidência, mas também as violações que geralmente sucedem sua realização podem ser exemplificadas – sendo elas a concubinação, casamento forçado e a obrigação de realizar tarefas e trabalhos não-sexuais (Gaca, 2011, p. 80). A única violência citada por Gaca (2011, p. 80) que não ocorre nas épicas homéricas é a prostituição forçada. A escolha de analisar essas personagens a fundo, é, portanto, estratégica: são personagens proeminentes nos poemas, a maioria (com exceção de Criseida) possui ao menos uma fala na obra e suas experiências evidenciam as violências e a posição especialmente frágil em que se encontram as mulheres ao redor da guerra. A

partir dessa análise, dessas personagens e de outras passagens da obra, uma constante pode ser observada: a conexão existente entre o casamento, o rapto e a violência sexual, que será discutida no próximo tópico.

### 2.3 A conexão entre casamento, rapto e violência sexual

No conjunto das obras homéricas, são diversas as maneiras em que as mulheres se fazem presentes durante a narrativa. Algumas aparecem em posição de prestígio, administrando o *oikos* e tendo o título de rainhas; outras como cativas de guerra, presas em acampamentos gregos em meio à batalha; e ainda há aquelas que figuram na narrativa como escravas, servindo a família no *oikos*. Porém, o espaço doméstico é o campo de atuação por excelência das mulheres no mundo homérico independentemente de seu status. Em ambos os poemas há uma grande preocupação com a família e com o casamento, de modo que a união e a dissolução do matrimônio possuem grande importância temática, assim como influência direta nos jogos de poder (Lyons, 2020a, p. 329). O casamento tradicionalmente era arranjado pelas famílias com trocas de presentes (*Il.* 13.365-369; *Od.* 4.3-14) e, após sua realização, esperava-se que a mulher permanecesse no lar a serviço de seu marido, que a tinha como posse.

Em casos específicos, entretanto, o casamento também poderia ser alcançado através do rapto, pois essa prática também se trata de um apossamento, embora realizado por meio da força explícita e física. Esse costume de um matrimônio forçado através do rapto pode ser visto com profundidade na *Ilíada* através do caso de Briseida e Helena, por exemplo. No caso de Briseida, ainda há o agravante que esta personagem é um espólio de guerra disputado pelo seu captor original, Aquiles, e por Agamêmnon, que após ficar sem sua mercê, exige outra para substituí-la. Conforme exposto anteriormente, Aquiles não concorda com a lógica de seu comandante e, por isso, se enraivece e se recusa a continuar participando da peleja. No Canto 9, quando Agamêmnon propõe devolver a cativa Briseida para Aquiles, o herói expõe sua revolta:

Outros deu, como mercê, aos melhores e aos reis:  
o que é deles está seguro, e fui o único aqueu de quem  
pegou e mantém a esposa perfeita; que, deitando com ela,  
se deleite. Por que é preciso que argivos combatam

troianos? Por que juntou o exército e para cá o guiou  
o Atrida? Acaso não foi por Helena belas-tranças?  
Entre os homens mortais, somente os Atridas  
amam as esposas? Cada homem valoroso e prudente  
ama a sua e dela cuida, e assim também eu,  
de coração, amo a essa, embora adquirida pela lança. (*Il.* 9.334-343)<sup>18</sup>

A partir desta declaração de Aquiles é possível vislumbrar a utilização do rapto como prerrogativa para o casamento, nesse caso, com uma cativa de guerra. Há de se notar a aparente naturalidade com a qual é tratado esse fenômeno, o que pode indicar que se tratava de uma ocorrência comum. Nesse mesmo âmbito, há ainda outro caso que pode ser analisado: o de Helena. No último tópico, sua situação complicada foi abordada de forma a concluir que seu casamento com Alexandre não foi realizado de forma consensual, pois além dos poemas deixarem explícito que a personagem foi influenciada pelos deuses, Helena ainda deixa muito claro seu descontentamento por estar em Tróia casada com Alexandre. Portanto, mesmo sendo uma mulher “livre” – isto é, não escravizada –, Helena é mais uma vítima de um rapto para casamento. Ademais, a partir do seu caso também podemos aferir a naturalidade com a qual esse tipo de rapto é tratado, já que a ofensa de Alexandre se dá por transgredir o pacto de hospitalidade ao raptá-la, não por utilizá-la para o casamento (isso pode ser notado em *Il.* 3.351-354).

Dessa forma, seja o casamento realizado por meios tradicionais ou de forma forçada através do rapto, há ainda uma outra problemática: em ambos os casos a união em matrimônio pressupõe uma união de corpos. Essa expectativa é explicitada durante as negociações para a devolução de Briseida à Aquiles. Para os personagens, um ponto importante nessa questão é que Agamêmnon não tenha se relacionado sexualmente com a cativa:

Que te jure em juramento, de pé entre os argivos,  
que nunca subiu na cama dela e a ela se uniu,

---

<sup>18</sup> A palavra utilizada por Homero para se referir à Briseida é ἄλοχος. Este termo é comumente utilizado para denotar “esposa” ou aquela com quem se divide a cama e se põe em contraste com o termo δοῦλη, que denota uma concubina – porém, este último termo não é utilizado na épica para se referir à Briseida (KIRK, 1985, p. 329; KIRK; HAINSWORTH, 1993, p. 106). Outras traduções, como as de Frederico Lourenço (2013) preferem utilizar a palavra “mulher” ao invés de “esposa”. Entretanto, na tradução utilizada de Christian Werner (2018) e na maioria das traduções analisadas há a preferência pelo termo “esposa” ou “consorte”, tanto em traduções para o português quanto para o inglês e o espanhol. São elas: Robert Fagles (1991), Odorico Mendes (2008) e Carlos Alberto Nunes (2015). Dessa forma, em consonância com a maioria das traduções e considerando a utilização do termo ἄλοχος por Homero, este trabalho entende que Aquiles trata Briseida como esposa.



como é a norma, senhor, de varões e mulheres. (*Il.* 19.175-177)

A união sexual entre homem e mulher é, portanto, uma norma nessa sociedade em uniões matrimoniais. Por Briseida ser sua propriedade e esposa, seria uma desonra para Aquiles que outro homem tivesse mantido relações sexuais com ela, já que este tipo de ação deveria se restringir a ele em sua posição de senhor/esposo. Assim sendo, ao unir-se em matrimônio, a mulher é obrigada a servir sexualmente a seu marido, de maneira exclusiva e independente de sua vontade – o que, por sua vez, pode originar uniões sexuais violentas.

Voltando à problemática do rapto, é importante ressaltar que geralmente essa violência costuma aparecer nos poemas homéricos para além de pretensões matrimoniais. Na maioria das vezes, ela é vista nos cenários de guerra a partir do costume de levar mulheres como espólio. Esse é o caso de tantas mulheres cuja captura é mencionada de passagem em diversos trechos tanto na *Ilíada* (*Il.* 2.226-228; 9.128-130; 11.525) quanto na *Odisseia* (*Od.* 3.154; 9.39-42; 14.264-265). Trata-se de um costume que vai além da batalha em torno de Tróia e que envolve também a tomada de crianças (*Il.* 4.238-239; 9.594; *Od.* 14.264-265; 17.433-434):

Aqueles cederam à desmedida, seguindo seu ímpeto,  
e ligeiro os bem belos campos de varões egípcios  
destruíam, levavam mulheres e crianças pequenas  
e matavam os outros. Logo à cidade chegou a gritaria. (*Od.* 14.262-265)

Após serem levadas, é possível que as mulheres sejam mantidas apenas como escravas, no entanto, outra violação geralmente se sucede: a sexual. Em Homero, essas agressões podem ser percebidas principalmente através da diferença de força, poder e status entre o agressor e a vítima, que indicam que há uma disparidade de autoridade entre as pessoas envolvidas, com a mulher sendo geralmente colocada em posição de subserviência sexual independentemente de seu consentimento. A ocorrência de atos sexuais entre o captor e a cativa pode ser inferido tanto pelo caso de Criseida já discutido anteriormente, mas também através da seguinte fala de Agamêmnon:

Pois eu te falarei, e isto se cumprirá:  
se Zeus porta-égide e Atena me concederem  
aniquilar Ílion, a cidade bem-construída,  
a ti por primeiro, depois de mim, darei uma mercê,  
ou uma trípode, ou dois cavalos junto com o carro

ou uma mulher, que contigo subirá no leito comum (*Il.* 8.286-291; ver também *Il.* 2.226-235)

Assim como no caso de Criseida, é possível inferir que estas relações não são mantidas de forma consensual, já que são realizadas entre uma escrava e seu senhor – além de possuírem posições distintas de poder, também faz-se necessário lembrar que muitas vezes esse captor é o responsável pela destruição de tudo que era mais caro para aquela mulher –, portanto, tratam-se de estupros. Ainda, para além da prática de concubinação, o exemplo mais claro da existência de violações sexuais em meio a guerra se dá no campo de batalha, onde se espera que as mulheres do inimigo sejam tomadas e violentadas, para fins de retaliação:

Por isso, que ninguém se apresse em voltar para casa  
antes de deitar-se junto a uma esposa troiana  
para vingar-se dos anseios e gemidos de Helena. (*Il.* 2.354-356)

Mesmo que esse trecho permita esse tipo de interpretação, é importante ressaltar que as violências sexuais na obra homérica, assim como em outras obras antigas (cf. Bodiou & Briand, 2015), são em sua maioria implícitas, inseridas na obra de maneira que o leitor pode inferir o que aconteceu ou irá acontecer posteriormente com aquelas mulheres, mas sem que isso seja dito de maneira clara. Em minha análise, apenas cinco passagens dos poemas relatam de forma explícita a violação sexual nos poemas. Duas delas se dão no campo de batalha como instrução e incentivo para os soldados (*Il.* 2.354-356; 3.298-301); uma no submundo, quando Odisseu encontra o corpo de Titio, que teria tentado violentar Leto, uma consorte de Zeus (*Od.* 11.576-581); outra em um diálogo entre Tétis e Hefesto, em que a deusa afirma que aguentou o leito de um mortal mesmo contra sua vontade (*Il.* 18.432-434); e a última se trata do estupro das escravas de Odisseu pelos pretendentes em sua ausência (*Od.* 22. 37).<sup>19</sup> Com a exceção do caso de Tétis e Titio

---

<sup>19</sup> Nesse trecho da obra há uma pequena variação entre traduções. Enquanto Carlos Alberto Nunes (2015) traduz como violências tendo sido feitas às servas pelos pretendentes, outros tradutores optam por traduzi-lo de forma a falar que os pretendentes deitaram à força com as servas. São eles: W.H.D Rouse (1937), Walter Shewring (2008), Frederico Lourenço (2011) e Christian Werner (2018). Neste trabalho, optarei pelas traduções com um sentido semelhante que estejam em maior número. Dessa forma, considero aqui que houve violação sexual. Mesmo assim, é importante ressaltar que, por mais que haja espaço para esse tipo de interpretação principalmente na contemporaneidade, também há espaço para a compreensão de que essas escravas voluntariamente cediam seus favores para os pretendentes. Há ainda uma outra problemática: mesmo no que parece ser o ponto de vista de Odisseu, que é quem afirma que os pretendentes deitaram à força com as escravas, essas mulheres foram infiéis a ele e, portanto, mereciam punição.

e Leto, que foge do escopo desse trabalho por se tratar de seres imortais, todas as outras violações sexuais contam com uma disparidade de poder e de status entre o agressor e a vítima, o que, portanto, se torna uma peça-chave para entender as violações sexuais presentes nesse mundo.

A partir da análise e estudo das mulheres homéricas é possível observar, portanto, que casamento, rapto e estupro se mostram muito conectados nos poemas. Casamento foi aqui entendido em linhas gerais como a união em matrimônio de um casal, que pode ser alcançada tanto através de meios tradicionais quanto a partir do rapto. Rapto como a tomada pela força de uma pessoa, que é mantida como refém geralmente distante de sua terra natal, e violência sexual como uma união não consentida entre corpos, que pode ser notada especialmente em contextos em que há uma diferença de autoridade entre o agressor e a vítima. Pensar essas três situações de forma relacionada é importante porque nos poemas elas aparecem de forma intrincada e recorrente, de forma que são essenciais para compreender a posição feminina nesse mundo. As três categorias revelam o status de posse que as personagens femininas ocupam e servem como uma demonstração de violência, força e poder masculino. Sua presença nos poemas possui uma significativa importância para a narrativa e são completamente naturalizadas dentro desse mundo.

## Capítulo 3

### As violências contra as mulheres na guerra e seus significados

#### *3.1 Violência sexual nas guerras contemporâneas como problema de pesquisa em estudos especializados*

Há um silêncio quando se trata da violência sexual contra as mulheres em tempos de guerra (Brownmiller, 1975, p. 40; Littlewood, 1997, p. 7-8). Via de regra, quando se fala de algum conflito, seja ele passado ou presente, lembra-se dos soldados, comandantes, batalhas e até das vítimas civis, mas costumeiramente apenas como uma forma amorfa, de modo que nem as violências sofridas ou os grupos afetados são identificados. Quando muito, há uma distinção étnica, nacional ou religiosa, mas ainda de forma homogeneizante. Assim sendo, as mulheres e as violências específicas as quais elas são submetidas são ignoradas. Apenas recentemente um esforço começou a ser feito para dar atenção às mulheres vítimas da guerra, em muito devido às coberturas do conflito na antiga Iugoslávia, onde foram constituídos campos prisionais específicos para o estupro e tortura sexual em massa de mulheres (Allen, 1996, p. 315-316; Littlewood, 1997, p. 8; Seifert, 1996, p. 35).<sup>20</sup> Esse movimento é uma iniciativa interdisciplinar, que concentra suas atenções nos conflitos contemporâneos em uma tentativa de entender e teorizar sobre as funções, motivos e intenções por trás deste tipo de violência. Estas investigações são necessárias não apenas por darem visibilidade às vítimas, mas também por fornecerem um arcabouço teórico útil capaz de auxiliar no olhar do passado e em subsequentes estudos sobre as mulheres em conflitos antigos.

As vertentes de estudo sobre violência sexual em meio a conflitos são diversas: existem teorias biológicas deterministas, biossociais, feministas, culturais patológicas e ainda há aquelas que se baseiam no fato de que os estupros ocorridos nas guerras são puramente estratégicos (Gottschall, 2010, p. 130-135). Estas teorias podem ser divididas em dois blocos: um bloco pautado pelas questões biológicas (teorias biológicas deterministas e biossociais) e outro focado na esfera sociocultural (teorias feministas,

---

<sup>20</sup> Embora esse seja o conflito que concentra o maior número de discussões e estudos, não se trata do único que contou com violência sexual sistemática no seu modo de guerra. Pelo contrário, diversos outros conflitos contemporâneos e antigos têm evidências deste tipo de prática (cf. Brownmiller, 1975; Hartung, 1992, p. 390-392; Littlewood, 1997; Vikman, 2005a, 2005b).

culturais patológicas e as do estupro estratégico). Logicamente, as teorias de cada bloco possuem aspectos em comum umas com as outras e, por vezes, um mesmo autor, em um mesmo trabalho, pode exibir características de mais de uma. Mesmo assim, é fortuito dividir os argumentos de forma a melhor compreender suas características. Para esse fim, utilizarei a esquematização elaborada por Gottschall (2010, p. 130-135) a fim de expor cada uma dessas teorias, suas premissas e as possíveis críticas a serem levantadas. Antes disso, é importante destacar que esse autor possui uma inclinação para as teorias biológicas e, dessa forma, sua imparcialidade deve ser posta em xeque. Porém, mesmo assim o esquema realizado por Gottschall é de grande valia para obter uma visão macro das discussões existentes no campo.

As teorias que levam em consideração os aspectos biológicos mudaram muito nas últimas décadas (Gottschall, 2010, p. 133). As primeiras teorias, chamadas aqui de biológicas deterministas, definem que o estupro, assim como outros comportamentos agressivos, estaria ligado a questões estritamente biológicas. Nesse sentido, há de se esperar poucas flutuações nas características de estupros cometidos tanto em contextos de paz quanto em cenários de guerra, assim como entre conflitos distintos, entretanto, ao se observar as evidências é notável que há na verdade grandes variações nessas características. Ainda, a teoria também falha em reconhecer e explicar o fato de que em muitos conflitos existem soldados que não estupram (Gottschall, 2010, p. 133). Se distanciando desse determinismo, estão as teorias modernas biosociais, que procuram dar igual ênfase aos aspectos genéticos e socioculturais que podem levar ao estupro (Gottschall, 2010, p. 133). Aqui, mantem-se a consideração de que o motivo proeminente para os estupros é o desejo sexual masculino, no entanto, devido a este tipo de violência sexual na guerra ultrapassar barreiras históricas e culturais, as variações ocorridas entre conflitos seriam explicadas através de fatores socioculturais. Portanto, nessa teoria, o biológico e o sociocultural são complementares e não devem ser colocados de forma antagonica (Gottschall, 2010, p. 133).

Existem, entretanto, muitos problemas quando o biológico é colocado como um fator determinante para a ocorrência de estupros, seja ele em um contexto pacífico ou não. Ao considerar que há uma predisposição biológica para esse tipo de violência, a responsabilidade do perpetrador é amenizada, já que se trataria de um comportamento natural a ele e que, portanto, foge de seu controle. Como diz Littlewood (1997, p. 13)

Mesmo que “inato” não seja “inevitável”, qualquer estudo sobre as motivações dos homens que realizaram violência sexual, ou sobre os contextos particulares em que a violência sexual é possível e é levada a cabo, ameaça transformar os homens de perpetradores para algo como vítimas, ou pelo menos de normalizar esse padrão como uma “atividade social”: o entendimento como uma desculpa ao invés de uma explicação. (Littlewood, 1997, p. 13)<sup>21</sup>

Dessa forma, as teorias de cunho biológico minimizam a intencionalidade e racionalidade do perpetrador por trás de um ato tão violento e que deve ser encarado como tal. Ademais, é evidente que há uma clara diferença entre o desejo e o impulso sexual natural tanto para fins reprodutivos quanto por prazer *versus* a violação sexual intencional de um corpo alheio. Ainda deve-se considerar que a violência sexual não requer necessariamente a penetração do pênis na vagina ou no ânus (o que causaria prazer fisiológico para o perpetrador): existe uma série de outras formas de tortura sexual, que incluem, por exemplo, a inserção de objetos na vítima. Dessa forma, a violência sexual possui muito mais camadas (e muitos mais usos), que não podem ser explicadas apenas por inclinações biológicas.

Por outro lado, as teóricas feministas foram as pioneiras na investigação e documentação de estupros ocorridos na guerra. A premissa clássica, que tem como uma de suas principais bases o trabalho de Brownmiller (1975), *Against Our Will*, defende que as violações sexuais são levadas a cabo por um desejo de dominância por parte do homem, em oposição à ideia de que os estupros ocorreriam por causas biológicas, ou seja, de apenas um desejo sexual descontrolado (Gottschall, 2010, p. 130). Ademais, existe a ideia de que algumas sociedades são mais inclinadas à ocorrência de estupro do que outras – a sociedade tida como ocidental seria a principal delas, justamente porque essa violência parte da socialização e do nível de misoginia presente (Seifert, 1996, p. 39). Críticos dessa vertente, como é o caso de Gottschall (2010, p. 130-131), argumentam que, por focar somente em alguns tipos de sociedade, a teoria feminista falha em analisar todos os dados existentes, que, por sua vez, indicam a existência de estupros em diversos continentes e tempos históricos.

---

<sup>21</sup> "Even if 'innate' is not 'inevitable', any study of the motivations of men who carried out sexual violence, or of the particular contexts in which sexual violence becomes possible and is carried out, threatens to turn the men from perpetrators into something like victims, or at least to normalize the pattern as a 'social activity': understanding as exculpation rather than as explanation."

Há também as teorias culturais patológicas, que buscam analisar a história de uma nação afim de identificar os fatores que podem levar os homens a praticar esse tipo de violência (Gottschall, 2010, p. 131). Para Gottschall (2010, p. 131), por mais que autores dessa vertente deem conta de apresentar quadros fiéis dos fatores socioculturais de um território que contribuiriam para a existência de estupros na guerra, ela falha na tarefa de compreender um fenômeno como um todo. A terceira teoria neste bloco, que vê o estupro na guerra como uma estratégia, tem como representantes o importante livro de Brownmiller (1975) e, principalmente, os estudos que tomam como base os estupros em massa na antiga Iugoslávia e em Ruanda. Trata-se de uma teoria com bastante força, que acredita que os estupros na guerra não necessariamente são levados a cabo por ordens explícitas, mas que são coerentes, coordenados e um modo efetivo de se fazer guerra (Gottschall, 2010, p. 131). Ao apontar os problemas dessa teoria, Gottschall (2010, p. 132) defende que, por mais que os estupros na guerra produzam os efeitos que essa teoria propõe – como é o caso de desmoralizar o inimigo, fraturar famílias e atingir a cultura da sociedade atacada –, não necessariamente eles teriam sido levados a cabo para essa finalidade. A justificativa do autor para a falha dessa teoria é, novamente, a inabilidade dela de trazer apenas um contexto explicativo que dê conta de todos os casos (Gottschall, 2010, p. 132).

As teorias que compõem o bloco sociocultural caracterizam o estupro na guerra como funcional e, portanto, como uma ação muito maior do que apenas os interesses de um soldado específico (Gottschall, 2010, p. 133). Autoras dessas vertentes, como é o caso de Brownmiller (1975), Seifert (1993, 1994, 2007) e Stiglmayer (1994), enfatizam que esse tipo de estupro tem relação com poder, dominação e estratégia. Elas, portanto, se distanciam de causas biológicas, focando quase que exclusivamente nos fatores socioculturais. Ademais, enquanto as teorias biológicas tentam ser universalizantes, as socioculturais compreendem as nuances desse fenômeno. Seifert (1993, p. 3), por exemplo, faz questão de ressaltar que os fatores e funções para o estupro citados em seu trabalho dependem do contexto de cada sociedade, sua cultura, tempo histórico etc. Em suma, as teorias socioculturais são plurais e reconhecem a singularidade de cada caso. É por esse motivo que elas muitas vezes se cruzam, mesmo em um único trabalho.

Assim, é possível notar que todas essas vertentes teóricas apresentam problemas, sendo em sua maioria incapazes de explicar de forma satisfatória todos os casos, funções

e motivações da violência sexual na guerra. Entretanto, enquanto esse fator pode ser um problema para muitos, vejo ele apenas como uma consequência inevitável das singularidades das experiências humanas e, por consequência, de cada um dos casos. Dessa forma, nenhuma teoria seria capaz de fornecer uma explicação universal. Pensando nisso, para este trabalho decidi analisar autoras cujas teorias se enquadram nas vertentes socioculturais, a fim de identificar seus pontos em comum e então pensá-los em consonância com a fonte antiga. Me distancio de teorias cujo pilar é a influência biológica, pois concordo com a perspectiva de Martin (2003, p. 364), que postula que atos humanos envolvendo intencionalidade são complexos e muito dependentes dos seus contextos, que, por sua vez, podem mudar de acordo com o tempo e espaço no qual estão inseridos. Nesse sentido, quando se trata de um contexto de guerra em que a violência sexual é notadamente sistemática, a análise deve ir além das razões fisiológicas do perpetrador e analisar as possíveis funções e motivações sociais, políticas e culturais por trás desses atos.

Seifert (1993, p. 1) ressalta essa perspectiva de maneira mais enfática, defendendo que existem boas razões para assumir que o estupro em conflitos “não é uma expressão agressiva da sexualidade, mas uma expressão sexual da agressão”,<sup>22</sup> ou seja, esse ato não deveria ser entendido por suas funções sexuais e inerentemente biológicas, mas, sim, através de uma manifestação de violência extrema contra uma pessoa e seu corpo. Sendo assim, esse tipo de agressão tem o potencial de deixar marcas profundas na vida de alguém:

A entrada forçada no corpo é um ataque severo inimaginável na parte mais íntima e na dignidade de uma pessoa. Em geral, é uma característica de tortura severa. Entrar no corpo de uma mulher à força possui efeitos comparáveis com a tortura: causa dor física, a perda de sua dignidade e determinação pessoal, e é um ataque à identidade da mulher. (Seifert 1993:1)<sup>23</sup>

Para tentar compreender esses estupros sistemáticos em guerras, Seifert (1993, p. 3-8) enumera cinco diferentes teses sobre suas funções, comuns as teóricas das linhas

---

<sup>22</sup> "is not an aggressive expression of sexuality, but a sexual expression of aggression"

<sup>23</sup> "Forcible entry into the body is the severest attack imaginable on the most intimate self and the dignity of a person. In general, it is a characteristic of severe torture. Entering a women's body by force has effects that are comparable to torture: It causes physical pain, the loss of personal dignity and self-determination, and it is an attack on the woman's identity."



socioculturais. São elas: 1) o estupro seria um direito concedido aos vitoriosos, fazendo parte de “regras da guerra”; 2) o abuso de mulheres faria parte da comunicação entre homens; 3) o estupro seria uma construção da masculinidade dos soldados; 4) estupros cometidos em guerra teriam como objetivo destruir a cultura dos adversários; 5) esses estupros teriam em sua origem o ódio cultural contra as mulheres (Seifert, 1993, p. 3-8). É importante ressaltar que essas funções não são universais, ou seja, não se aplicam para todos os casos, sociedades e tempos históricos (Seifert, 1993, p. 3) e as teses não são antagônicas entre si, podendo se complementar.

A primeira parte do princípio de que a guerra é ritualizada e, portanto, possui regras bem definidas, mesmo que não sejam explícitas. Nesse sentido, ao olhar para a história, pode-se perceber que um desses princípios seria de garantir aos vitoriosos o direito de violência contra as mulheres durante o período de conquista ou de pós-guerra (Seifert, 1993, p. 3). Brownmiller (1975, p. 35) identifica que isso teria motivos pragmáticos e psicológicos: “primeiro, um exército vitorioso marcha sobre um território de um povo derrotado, e dessa forma é óbvio que se há qualquer estupro para ser realizado, será feito nos corpos das mulheres do inimigo. Segundo, o estupro é um ato do conquistador” (Brownmiller, 1975, p. 35).<sup>24</sup>

A segunda tese segue o pensamento de que esse abuso sistemático de mulheres faria parte da comunicação entre homens. Em outras palavras, o estupro das mulheres “do inimigo” se traduz em uma maneira simbólica de humilhação para aqueles homens, que foram incapazes de proteger suas mulheres. Dessa forma, “o que conta não é o sofrimento da mulher, mas o efeito que ele tem sobre os homens” (Seifert, 1993, p. 3).<sup>25</sup> O corpo da mulher estuprada “se torna um campo de batalha cerimonial” (Brownmiller, 1975, p. 38),<sup>26</sup> com o intuito de passar uma mensagem muito clara entre os homens: qual lado venceu e qual foi derrotado. Assim, o estupro de uma mulher na guerra, para o estuprador, é não apenas um ato contra o corpo da mulher, mas também um ato contra os homens associados a ela (seja pai, marido ou filho) (Vikman, 2005b, p. 40) – os direitos a

---

<sup>24</sup> "first, a victorious army marches through the defeated people's territory, and thus it is obvious that if there is any raping to be done, it will be done on the bodies of the defeated enemy's women. Second, rape is the act of a conqueror"

<sup>25</sup> "what counts is not the suffering of the women, but the effect it has on men"

<sup>26</sup> "becomes a ceremonial battlefield"

propriedade são transgredidos de forma a marcar território nos corpos femininos (Brownmiller, 1975, p. 40; Vikman, 2005b, p. 40).

A terceira tese considera que o estupro também é o resultado da construção de masculinidade dos soldados no exército. Para a Seifert (1993, p. 4-5), a profissão militar é associada comumente à masculinidade, de forma que, por muito tempo, esse tipo de serviço serviu como um rito de passagem para jovens – seria o momento em que eles se tornavam homens. Novamente, esses costumes variam de acordo com a sociedade e o período analisado, mas, por vezes, a construção dessa profissão, que está intimamente ligada a masculinidade, também possui conotações de poder, dominância, controle, erotismo e sexualidade (Seifert, 1993, p. 5; Vikman, 2005b, p. 44) – o que, por sua vez, pode ser traduzido na violência contra as mulheres, já que tudo o que é tido como feminino é rejeitado e considerado inferior. Essa semiótica de gênero, portanto, onde o pênis e a penetração se tornam a arma e a vítima é feminilizada e desumanizada, em muito fortalecem a ideia de masculinidade do perpetrador.

Há também a quarta tese, em que os estupros cometidos na guerra possuiriam o objetivo de destruir a cultura do adversário (Seifert, 1993:6). Distante da crença popular que os civis são apenas vítimas ocasionais ou acidentais da guerra, Seifert (1993, p. 6) argumenta, com base na pesquisa de Nordstrom (1991), que a guerra é na verdade focada nessas pessoas. Dessa forma, já que possuem uma posição importante culturalmente assim como na estrutura familiar, as mulheres seriam alvos táticos importantes para destruir a cultura do inimigo, e por isso elas sempre estão em uma situação mais precária do que a dos homens (Seifert, 1993, p. 6). Allen (1996) explora essa problemática através dos casos na antiga Iugoslávia e traz a ideia do “estupro genocida” – um tipo de violência que procura apagar a etnia e a identidade cultural da vítima através da gravidez forçada. Esta lógica dos perpetradores, aplicada por soldados sérvios em mulheres na antiga Iugoslávia, “ignora completamente a identidade e influência cultural da mulher” (Vikman, 2005b, p. 41),<sup>27</sup> considerando que as características da criança gerada seriam automaticamente a do pai estuprador.

Por fim, há a tese de que a origem dos estupros estaria no ódio intrínseco contra as mulheres, que é externalizado de forma extrema. Isso aconteceria porque “além de

---

<sup>27</sup> "completely ignores identity and cultural influence of the woman"

todos os outros motivos, o estupro continua sendo um ato extremo de violência masculina contra mulheres, o que não seria possível sem um sentimento de hostilidade contra elas” (Seifert, 1993, p. 7).<sup>28</sup> Diferentemente dos adversários comuns na guerra, as mulheres não são estupradas por serem inimigos, mas porque – a depender da sociedade e do tempo em que estão inseridas – são alvos de um ódio estrutural inserido no inconsciente e que é trazido à tona em tempos de crise (Seifert, 1993, p. 8). De forma similar, para Brownmiller (1975, p. 64), a vítima feminina na guerra não é escolhida porque ela representa o inimigo, mas porque ao ser uma mulher, ela é o inimigo.

Como exposto, os diversos estudos que dão luz ao problema das violências e torturas sexuais são recentes e isso reflete na escolha dos seus objetos de estudo. Entretanto, as violências sexuais em massa não são um fenômeno da contemporaneidade: esse tipo de fenômeno pode ser visto há muitos séculos, em uma variedade de conflitos (Hartung, 1992, p. 390-392; Seifert, 1996, p. 35; Littlewood, 1997, p. 8). Dessa forma, ao se voltar a conflitos anteriores, faz-se necessário pensar no seu respectivo contexto e refletir sobre essas teorias contemporâneas, de forma a selecionar tudo aquilo que faz sentido em consonância com as fontes trabalhadas. Quando se trata de Homero, algumas dessas teses apresentadas por Seifert (1993, p. 3-8) se revelam muito promissoras e podem ajudar na análise das épicas e na explicação das violências.

### *3.2 Os significados das violências sexuais e de gênero nas obras homéricas*

Ao analisar as circunstâncias de guerra na Antiguidade, pode-se perceber que, assim como na contemporaneidade, a violência de gênero e sexual em massa fazem parte das regras da maior parte dos conflitos e, de forma similar, a situação e o destino das vítimas femininas são colocados em segundo plano em estudos especializados (Antela-Bernárdez, 2008, p. 308). Como exposto anteriormente, isso ocorre pois por muito tempo os estudos de gênero e os da guerra se mantiveram afastados e apenas recentemente um esforço tem sido realizado para reverter esse quadro (Gaca, 2015, p. 278). Nesse sentido, ainda há muito a ser explorado, principalmente no que concerne à Antiguidade, e as significações das violências contra as mulheres em Homero é um desses tópicos que ainda

---

<sup>28</sup> "apart from all the other motives, rape remains an extreme act of male violence against women which would not be possible without feelings of hostility towards women"

precisam ser analisados com profundidade. Muitos dos trabalhos que discutem esse tipo de agressão no mundo antigo têm os poemas homéricos como exemplo, mas apenas pincelam a obra, não adentrando em suas nuances. É o caso dos trabalhos de Vikman (2005a), Deacy e McHardy (2015) e Gaca (2008, 2010, 2011, 2015), por exemplo. Com isso em mente, exploro aqui esses detalhes, examinando as obras de Homero (*Ilíada* e *Odisseia*) e dando especial atenção às vítimas apresentadas na obra.

Quando se trata da guerra no mundo homérico, é inegável a centralidade da violência contra as mulheres – em especial do rapto e da violência sexual. Como já discutido, esse protagonismo pode ser percebido através das personagens femininas as quais a narrativa apresenta, como é o caso de Criseida, Briseida e Andrômaca, já que todas ou já passaram ou irão passar pelo processo de andropodização devido à subsequente derrota dos troianos, mas também pode ser notado através das falas de personagens durante a épica, que além de rememorar conflitos passados onde mulheres foram andropodizadas, também clamam pelo mesmo processo ser realizado na guerra em que se passa a narrativa. É através desses três elementos – as personagens femininas, as histórias passadas e os clamores do presente – que a análise das violências de gênero e sexuais se tornam possíveis. Ainda, no caso das violências sexuais, é especialmente importante não apenas pensar nas evidências narrativas, mas também nas teorias contemporâneas.

Logo no início daquela que ficou conhecida como a primeira obra homérica – a *Ilíada* – uma das teorias de Seifert (1993, p. 3-8) se mostra na prática: o sentimento de que a apropriação de mulheres como espólio é um direito dos vencedores. O poema já se inicia com uma disputa por cativas: após decidir que Criseida será devolvida para o pai, Agamêmnon exige uma compensação e declara que os aqueus devem dar uma mercê para ele ou ele mesmo irá tomar uma de Aquiles, Ájax ou Odisseu (*Il.* 1.135-139). Antes de qualquer coisa, essa exigência explícita como seria inaceitável um soldado (quanto mais um comandante) ficar sem uma mulher de espólio. Desse modo, aquele que entra em contato com os poemas já é introduzido à importância desse tipo de compensação, o que, por sua vez, dá o tom para o resto da obra. Esse tipo de sentimento faz sentido quando se pensa que, nesse mundo, receber uma mulher se tratava de uma recompensa comum após uma batalha e, que por estar em uma posição privilegiada de poder, não faz sentido que esse comandante fique sem esse tipo de espólio. Em meio à discussão sobre a necessidade

desse personagem ter uma mercê, mesmo que seja às custas de outro soldado, Aquiles reforça que as mulheres são parte dos saques realizados nas cidades:

Até onde sabemos, não há muita coisa coletiva;  
O que saqueamos da cidade já foi distribuído,  
E não convém que a tropa recolha e junte de novo. (*Il.* 1.124-126)

Fomos até Tebas, a sacra cidade de Eétion,  
que destruimos e então para cá tudo trouxemos.  
Isso bem dividiram entre si os filhos de aqueus,  
e para o Atrida escolheram Criseida bela-face. (*Il.* 1.366-369)

Assim sendo, Aquiles não acha justo que exista uma repartição dos bens já adquiridos (que incluem as mulheres) e quando Agamêmnon, por fim, toma seu espólio, a cativa Briseida, Aquiles se enfurece e se recusa a lutar, prejudicando todo o exército aqueu. A tomada de uma mulher cativa de seu “dono”, que após vencer uma guerra têm direito a esse e outros “objetos” é, portanto, o pontapé inicial para a narrativa, que tem como um dos seus principais motes a ira de Aquiles e seus desdobramentos. A ideia de que após lutar e ganhar uma batalha se escolhe uma mulher como espólio também é expressa pelo narrador:

Descansava nas naus o divino Aquiles defesa-nos-pés,  
irado por causa da jovem Briseida de belas tranças,  
a quem escolhera em Lirnesso, após muito penar  
na destruição de Lirnesso e dos muros de Tebas,  
ele que derrubou Mineto e Epístrofo, famosos na lança,  
filhos do senhor Eueno, filho de Selépio;  
Aquiles jazia aflito por ela, mas logo se ergueria. (*Il.* 2.688-694)

Esse entendimento de que a obtenção de mulheres é um direito dos vitoriosos – e, portanto, a realização de atos sexuais com elas – fica claro quando pensamos no costume da andropodização. Realizar esses atos após a primeira fase da guerra é um empreendimento que a obra mostra como obrigatório, já que é mencionado quando se conta de conflitos anteriores (*Il.* 2.689-691; 9.129-130; 20.191-194; *Od.* 3.153-154; 9.41; 14.264-265). Ele é conhecido tanto pelas mulheres, causando temor caso a guerra seja perdida por seus companheiros (isso pode ser visto diretamente no caso de Cleópatra – *Il.* 9.590-594, mas também indiretamente no de Andrômaca – *Il.* 6. 407-439), como pelos homens, que são motivados a lutar pelas suas mulheres e crianças (*Il.* 15.496-497; 17.223-

224; 18.265; *Od.* 11.397-403; 24.106-113). Mesmo que ainda esteja em curso, fica claro que a andropodização será levada a cabo ao fim do conflito, qualquer que seja o lado vencedor. No terceiro canto, quando Alexandre desafia Menelau para um duelo que decidiria o destino da guerra, é realizado um pacto de amizade por sacrifício e diz o narrador:

Alguns aqueus e troianos assim falavam:  
“Zeus majestoso e supremo e demais imortais,  
o lado que por primeiro danar o pacto sacrificial,  
que, como o vinho, seus miolos corram sobre o solo,  
os deles e os dos filhos, e outros subjuguem suas esposas. (*Il.* 3. 297-301)

Mesmo que exista a esperança da guerra acabar através do duelo, cessando os sofrimentos dos soldados, ainda há a expectativa de que a violência sexual seja levada à cabo com as mulheres do inimigo. Ainda, o sentimento coletivo não aparenta ser direcionado a nenhuma mulher específica, mas às esposas do aqueus ou troianos – o que importa é o seu relacionamento com os soldados derrotados. Essas personagens femininas não são vistas como seres humanos, como pessoas que irão sofrer as consequências daqueles atos, mas como mais um dos objetos a serem conquistados: há uma intensa desumanização, que inclusive pode ser importante para dar cabo às violências. É inclusive devido a esse costume e a expectativa da andropodização que, como já mencionado, rotineiramente há a afirmação de que os soldados lutam para proteger suas mulheres e crianças (*Il.* 15.496-497; 17.223-224; 18.265; *Od.* 11.397-403; 24.106-113). A própria Guerra de Troia, afinal, é para muitos personagens a luta por uma mulher: Helena (*Il.* 2.160-162; 19.325; 22.114-116; *Od.* 4.145-147; 11.438; 14. 68-69). Também é por ela que as violações sexuais que se dariam após o final da guerra são exigidas e justificadas:

Por isso, que ninguém se apresse em voltar para casa  
antes de deitar-se junto a uma esposa troiana  
para vingar-se dos anseios e gemidos de Helena. (*Il.* 2. 354-356)

O cavaleiro Nestor explicita o sentimento de vingança nessa sua fala, evidenciando que esse tipo de retaliação contra o inimigo “é alcançada através da violência sexual contra as ‘suas’ mulheres” (Vikman, 2005b, p. 40).<sup>29</sup> Esse sentimento

---

<sup>29</sup> "is achieved through sexual violence against 'their' women"

mostra que tanto a incitação dos estupros para o coletivo quanto, pode-se imaginar, as violências sexuais em si, são levadas a cabo como um meio para erguer a bandeira da vitória, terminar de conquistar aquele território e machucar ainda mais o inimigo, principalmente de maneira moral e psicológica. Em outras palavras, a violação sexual é mais uma arma para aqueles soldados, um ato simbólico. Trata-se também do que Seifert (1993, p. 3) vê como uma comunicação entre os homens: após a derrota dos inimigos, estuprar suas mulheres visa humilhar os troianos assim como os aqueus foram humilhados quando Alexandre quebrou o pacto de hospitalidade ao raptar Helena e tomá-la como esposa.

É importante frisar que essas conclusões vêm da significação coletiva do estupro na guerra, a partir das limitadas evidências presentes na poesia homérica – mas o fato de que essas ações ocorrem demonstra que há ao menos o consentimento dos soldados. Para completar essa análise, apreender mais significações e entender os porquês individuais por trás de cada ato, seriam necessários mais indícios e acesso a falas e depoimentos específicos dos soldados, de forma a entender seus sentimentos e teorizar sobre suas motivações – as teses de que o estupro teria suas origens na construção de masculinidade dos soldados e que objetivam destruir a cultura dos adversários, por exemplo, não podem ser descartadas, mas sua afirmação é espinhosa considerando as evidências que as épicas fornecem. De forma similar, mesmo que exista um acesso maior às vítimas e seus sentimentos na obra homérica, não é possível obter o significado dessas violências para elas, assim como a totalidade das consequências na vida de cada uma. Independente disso, pelos indícios que temos, certamente pode-se pressupor que as mulheres atingidas são vítimas desses atos, ou seja, que não há consentimento e se trata de violações sexuais. Isso porque o objetivo da ação pelos soldados é justamente ser violenta e causar sofrimento, independente da vontade e possível resistência da mulher. Ressalto que há uma desumanização dessas mulheres, que são vistas como objetos a serem apreendidos, como mais uma forma de atingir os inimigos homens.

Outro ponto que deve ser reforçado é que esta prática de guerra – de primeiro haver o combate entre homens e posteriormente a conquista da cidade e a andropodização de mulheres e crianças – possui força no imaginário coletivo. São diversas as passagens que narram esse tipo de acontecimento e, ao viver nesse meio, é evidente que um peso psicológico é causado tanto nos homens quanto nas mulheres: pode-se ver nos discursos

de Heitor (*Il.* 6.447-465) e Cleópatra (*Il.* 9.590-594), por exemplo, que muito medo é incitado nos personagens, já que eles sabem qual será o destino das mulheres caso percam a guerra. Assim sendo, mesmo que a comunicação seja realizada entre os homens, ela também tem efeito nas mulheres, de maneira que o ato de causar medo pode ser instrumentalizado e utilizado como arma em ambos os sexos.

É, portanto, através dos corpos femininos que as fronteiras são desenhadas, as vitórias são clamadas e que os guerreiros se vingam e obtêm suas recompensas. As significações podem ser simbólicas, mas as consequências são muito palpáveis: cidades dizimadas, homens mortos, machucados e humilhados e mulheres que não têm o direito à morte, mas são obrigadas a passar o resto da vida escravizadas junto àqueles que são os responsáveis por causar tantas dores – tanto no passado, quanto no presente e no futuro. Como bem exposto por Farron (1979, p. 23) Homero “formou todas as suas mulheres para exibir as agonias da guerra”.<sup>30</sup> Essas agonias, que incluem a violência sexual, vão para além da épica, sendo características históricas – mesmo que suas formas e frequência variem (Vikman, 2005b, p. 42). O fenômeno aqui estudado é, portanto, poli-dimensional. Muitos teóricos ao estudar casos contemporâneos procuram encontrar uma teoria que explique todos os seus aspectos, que dê conta de todas as nuances possíveis, mas acredito que isso seja uma tarefa infrutífera. Isso porque entendo que esses casos devem ser analisados de acordo com a sociedade em que estão inseridos e suas particularidades, assim como seu contexto histórico e político. Não é possível encontrar uma explicação universal para essa violência, justamente porque nem todas as violências são realizadas de forma racional e premeditada, ao menos em um nível individual. No caso de Homero, o que se pode entender são principalmente os significados coletivos, especialmente pela forma que as violências são instrumentalizadas. Utilizando e modificando o objeto da frase de Marshall Sahlins (1983, p. 88), a violência é simbólica, mesmo quando é real.<sup>31</sup>

---

<sup>30</sup> "formed all his women to display the agonies of war"

<sup>31</sup> Original: "Cannibalism is symbolic, even when it is real". Tradução: "O canibalismo é simbólico, mesmo quando é real".



## Considerações finais

Em uma época na qual o movimento feminino deixa uma marca tão importante nos estudos clássicos e naqueles sobre a poesia homérica, nós somos confrontados com uma aparente falta de abordagens que pensem com profundidade nas problemáticas das conexões entre as violências de gênero e a guerra nos poemas. Isso faz sentido ao lembrar que, por muito tempo, os estudos dessas duas categorias se mantiveram afastados e o esforço para reverter a situação é recente. É de se notar que este empenho tem sido realizado majoritariamente por mulheres, como a própria bibliografia e autoria desse trabalho pode demonstrar. A utilização de trabalhos de mulheres foi tanto uma escolha pessoal, com a finalidade de evocar as vozes femininas que por muitas vezes são ignoradas ou até mesmo abafadas, mas também inevitável, já que a maior parte dos trabalhos sobre gênero são de autoria feminina. Essa é uma perspectiva relevante, pois ao mesmo tempo que são os corpos femininos que são vitimados, são as mulheres que parecem tomar a responsabilidade para si de revelar esses problemas e estudá-los. Trata-se de um problema de gênero que ainda não conseguiu ultrapassar de maneira satisfatória essa barreira em meio a sua luta.

Por meio deste trabalho, portanto, procurei contribuir para esse esforço e trazer à tona as tantas violências contra a mulher presentes na obra homérica através de um estudo de caso sobre essas personagens. Dessa maneira, preencho ao menos parcialmente a lacuna presente tanto nos estudos especializados sobre Homero quanto na historiografia, já que ambos ainda carecem de trabalhos que unam os estudos de gênero com os da guerra. Para essa finalidade, o trabalho foi estruturado de forma a: 1) discutir como as mulheres são apresentadas nos poemas e como são lidas por pesquisadores contemporâneos; 2) apresentar o conceito de violência de gênero e como ela é presente na guerra homérica de modo a pensar em como essa guerra é dividida, como as mulheres sofrem essas violências e qual é a relação entre casamento, rapto e estupro nas obras; 3) resumir os estudos teóricos contemporâneos sobre a violência sexual e de gênero nas guerras e aplicar essas teorias para analisar as possíveis significações dessas violências nos poemas de Homero.

O primeiro capítulo desse trabalho discutiu o espaço ocupado por mulheres na narrativa homérica em um contexto geral da obra e sobre a leitura que os contemporâneos

fazem sobre elas. Com relação a narrativa homérica, o que pode se apreender é que estas personagens *a priori* são circunscritas ao ambiente doméstico, têm suas vidas ditadas por vozes masculinas e suas identidades são sempre relativas à família, ao lar e ao seu relacionamento com os homens ao seu redor. Sobre os estudos especializados, é interessante perceber que existem diversas abordagens possíveis para o estudo dessas mulheres, mas mesmo entre a diversidade existem algumas convergências: muitos dos trabalhos versam sobre a presença feminina, sua agência nos poemas e as violências sofridas por essas personagens. Sem dúvidas, a agência feminina é o alvo da maioria dos debates, com autores concordando e discordando sobre a proeminência e importância das personagens femininas entre a *Iliada* e *Odisseia*.

No segundo capítulo as discussões se afunilam: trato sobre as especificidades da guerra em Homero, sua relação com as mulheres, as violências de gênero e sexuais e suas conexões. A partir da análise dos poemas, algumas constatações são possíveis: a guerra possui etapas distintas e o tratamento às vítimas parece depender da idade e do gênero das mesmas; ao pensar em personagens-chave (Criseida, Briseida, Andrômaca, Cleópatra e Helena), pode-se evidenciar a ocorrência da andropodização nos poemas e entender as violações que a sucedem - sendo elas a concubinação, casamento forçado e a obrigação de realizar tarefas e trabalhos não-sexuais (Gaca, 2011, p. 80); existe uma conexão entre casamento, rapto e violência sexual nas obras e pensar nessas categorias de forma relacionada é relevante pois elas aparecem de forma intrincada e recorrente. Com todos esses fatores em mente, é possível observar a posição frágil e vulnerável que as mulheres ocupam em meio à guerra em Homero e como todas as violências infringidas a elas são importantes para o andamento da narrativa e são completamente naturalizadas dentro desse mundo.

Por fim, no terceiro capítulo, entendi as significações desse tipo de violência dentro das épicas. Para isso, primeiro foi realizado um recorte de diversas teorias sobre conflitos contemporâneos, de forma a contextualizá-las e me localizar no debate. São diversas as teorias sobre violência sexual em meio a conflitos e elas podem ser divididas em dois blocos: um pautado pelas questões biológicas e outro que foca nas esferas socioculturais. Me alinho às teorias que pensam nos aspectos socioculturais e é a partir dessa perspectiva que analiso as significações das violências de gênero e sexuais em Homero. Considerando as evidências limitadas que as épicas nos proporcionam, o que é

possível é examinar os significados coletivos destas violações. Nesse sentido, algumas significações simbólicas podem ser apreendidas: a apropriação de mulheres é colocada como um direito dos vencedores e um ato obrigatório após a conquista de uma cidade; o sentimento coletivo não aparenta ser direcionado a nenhuma mulher específica, mas sim ao coletivo das mulheres do inimigo, que sofrem uma intensa desumanização; essa ideia de “mulheres do inimigo” é muito relevante, já que a retaliação é alcançada através da violência contra elas, em uma espécie de comunicação entre os homens – uma forma de machucar o inimigo moral e psicologicamente. Em suma, as violações, principalmente as sexuais, são atos simbólicos. Dessa maneira, é através dos corpos femininos que as vitórias são clamadas e que os guerreiros se vingam e obtêm suas recompensas.

Através desses pontos, ofereci um panorama do espaço ocupado pelas personagens femininas nas obras, das principais noções vigentes sobre essas mulheres, as questões relativas às etapas da guerra homérica, das teorias contemporâneas sobre as violências contra as mulheres na guerra e uma análise aprofundada de algumas das personagens, suas vivências com relação à violência e os possíveis significados coletivos destas. Assim, para além de corroborar a visão de que as figuras femininas exercem um importante papel nos poemas homéricos e que a violação de seus corpos e de sua liberdade é relevante para a jornada dos personagens masculinos, demonstrei que essas violências não são aleatórias, mas sim sistemáticas e com algumas funções e significados. Nesse sentido, é interessante notar como a violência e a subjugação das mulheres eram aceitas e naturalizadas na sociedade homérica, de forma que podem até passar despercebidas na narrativa, mas se tornam evidentes a partir de um olhar minucioso sobre a fonte.

## Referências Bibliográficas

### *Fontes antigas*

HOMER. **The Iliad**. Translated by Robert Fagles. 1<sup>st</sup> edition 1990. New York: Penguin Classics, 1991.

HOMERO. **Ilíada**. Tradução de Christian Werner. São Paulo: Ubu/SESI-SP, 2018.

HOMERO. **Ilíada**. Tradução de Frederico Lourenço. 1<sup>a</sup> edição 2005. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

HOMERO. **Ilíada**. Tradução de Odorico Mendes. 1<sup>a</sup> edição 1874. Cotia: Ateliê Editorial, 2008.

HOMERO. **Ilíada**. Tradução e introdução de Carlos Alberto Nunes. 1<sup>a</sup> edição 1945. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

HOMER. **The Odyssey: The Story of Odysseus**. Translation by W.H.D Rouse. 1<sup>st</sup> edition 1937. New York: Mentor Classics, 1937.

HOMER. **The Odyssey**. Translation by Walter Shewring. 1<sup>st</sup> edition 1980. Oxford: Oxford University Press, 2008.

HOMERO. **Odisseia**. Tradução de Christian Werner. 1<sup>a</sup> edição 2014. São Paulo: Ubu, 2018.

HOMERO. **Odisseia**. Tradução de Frederico Lourenço. 1<sup>a</sup> edição 2003. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

HOMERO. **Odisseia**. Tradução e prefácio de Carlos Alberto Nunes. 1<sup>a</sup> edição 1941. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

### *Bibliografia crítica*

ALLEN, Alena. Briseis in Homer, Ovid and Troy. *In*: WINKLER, Martin M. **Troy: From Homer's Iliad to Hollywood Epic**. Hoboken: Blackwell Publishing, 2007, p. 148-162.

ALLEN, Beverly. Rape warfare in Bosnia-Herzegovina: The policy and the law. **The Brown Journal of World Affairs**, v. 3, n. 1, p. 313-323, 1996.

\_\_\_\_\_. **Rape Warfare: The Hidden Genocide in Bosnia-Herzegovina and Croatia**. 2<sup>nd</sup> edition. Minneapolis: University of Minnesota press, 1996.

ANDREOPOULOS, George J.; HOWARD, Michael; SHULMAN, Mark R. **The Laws of War: Constraints on Warfare in the Western World**. New Haven: Yale University Press, 1994.

ANTELA-BERNÁDEZ, Borja. Vencidas, violadas, vendidas: Mujeres griegas y violencia sexual en asedios romanos. **Klio**, v. 90, n. 2, p. 307-322, 2008.

- BIJLEVELD, Catrien; MORSSINKHOF, Aafke; SMEULERS, Alette. Counting the countless: Rape victimization during the Rwanda genocide. **International Criminal Justice Review**, v. 19, n. 2, p. 208-224, 2009.
- BODIOU, Lydie; BRIAND, Michel. Rapt, viol et mariage dans l'Antiquité gréco-romaine: L'exemple de Déméter et Korê. **Dialogue**, n. 208, p. 17-32, 2015.
- BROWNMILLER, Susan. **Against Our Will: Men, Women and Rape**. Nova York: Ballantine Books, 1993.
- \_\_\_\_\_. Making female bodies the battlefield. In: STILGMAYER, Alexandra. **Mass Rape: The War against Women in Bosnia-Herzegovina**. Lincoln: University of Nebraska Press, 1994, p. 180-182.
- CANEVARO, Lilah. **Women of Substance in Homeric Epic: Objects, Gender, Agency**. Oxford: Oxford University Press, 2018.
- CARSTEN, Janet. **After Kinship**. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.
- CLARKE, Michael. Manhood and heroism. In: FOWLER, Robert (ed.) **Cambridge Companion to Homer**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006, p. 74-90.
- COELHO, Aridane Borges; ALMEIDA, Gabriel Fernandes do Nascimento. O lugar da mulher em Helena e Penélope: Uma investigação a partir de Homero. **Revista projeção e docência**, v. 13, n. 1, p. 20-29, 2022.
- COHEN, Beth. **The Distaff Side: Representing the Female in Homer's Odyssey**. Oxford: Oxford University Press, 1995.
- COHEN, Dara Kay; NORDAS, Ragnhild. Conflict-related sexual violence. **Annual Review of Political Science**, v. 24, p. 193-211, 2021.
- CORRÊA, Cahuane; SILVA, Marcelo Moraes. Os corpos na obra de Homero: As relações de poder entre os sexos. **Record**, v. 11, n. 1, p. 1-14, 2018.
- CORREA, Sílvio. Silêncio atordoante: Dos relatos de violência sexual em contexto de guerra civil ao dever de memória. **Ex æquo**, n. 47, p. 81-98, 2003.
- CREPALDI, Clara Lacerda. Entre cães e cadelas: A Helena da *Ilíada*. **Nuntius Antiquus**, v. 8, n. 1, p. 51-65, 2012.
- D'CRUZE, Shani. Approaching the history of rape and sexual violence: Notes towards research. **Women's History Review**, v. 1, n. 3, p. 377-397, 1993.
- DAS, Veena. Language and body: Transactions in the construction of pain. **Daedalus**, v. 125, n. 1, p. 67-91, 1996.
- DEACY, Susan. Introduction: 'Twenty years ago': Revisiting *Rape in Antiquity*. In: DEACY, Susan; MAGALHÃES, José Malheiro; MENZIES, Jean Zacharski (eds) **Revising Rape in Antiquity: Sexualized Violence in Greek and Roman Worlds**. London: Bloomsbury Academic, 2023, p. 1-18.
- DEACY, Susan; MAGALHÃES, José Malheiro; MENZIES, Jean Zacharski (eds) **Revisiting Rape in Antiquity: Sexualized Violence in Greek and Roman Worlds**. Londres: Bloomsbury Academic, 2023.

DEACY, Susan; MCHARDY, Fiona. Ajax, Cassandra and Athena: Retaliatory warfare and gender violence at the Sack of Troy. *In*: LEE, Geoff; WHITTAKER, Helene; WRIGHTSON, Graham (eds) **Ancient Warfare: Introducing Current Research**, Volume I. Cambridge: Cambridge Scholars Publishing, 2015, p. 252-272.

DEACY, Susan; PIERCE, Karen F. (eds) **Rape in Antiquity: Sexual Violence in the Greek and Roman Worlds**. 1<sup>st</sup> edition 1997. Swansea: The Classical Press of Wales, 2002.

DESERTO, Jorge. A incerta viagem dos mitos e das mulheres que neles vivem a reinvenção de Helena. **Cadernos de Literatura Comparada**, n. 34, p. 333-346, 2016.

DOHERTY, Lilian. Gendered reception of Homer. *In*: PACHE, Corinne Ondine (ed.) **The Cambridge Guide to Homer**. Cambridge: Cambridge University Press, 2020, p. 523-525.

DUÉ, Casey. Learning lessons from the Trojan War: Briseis and the theme of force. **College Literature**, v. 34, n. 2, p. 229-262, 2007.

FARRON, Steven. The portrayal of women in the *Iliad*. **Acta Classica**, v. 22, p. 15-31, 1979.

FELSON, Nancy; SLATKIN, Laura. Gender and Homeric epic. *In*: FOWLER, Robert (ed.) **Cambridge Companion to Homer**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006, p. 91-116.

FOWLER, Robert. Introduction. *In*: FOWLER, Robert (ed.) **Cambridge Companion to Homer**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006a, p. 1-10.

\_\_\_\_\_. The Homeric question. *In*: FOWLER, Robert (ed.) **Cambridge Companion to Homer**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006b, p. 220-234.

FOXHALL, Lin. **Studying Gender in Classical Antiquity**. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

FRADE, Gustavo Henrique Montes; LIMA, Anna Clara Figueiredo; VALLEJO, Gabriela de Oliveira; RODRIGUES, Raphaella Nasser. As mulheres escravizadas na *Odisseia*. **Rónai**, v. 9, n. 1, p. 4-20, 2021.

FRANCO, Cristiana. Women in Homer. *In*: JAMES, Sharon; DILLON, Sheila (eds) **A Companion to Women in the Ancient World**. London: Blackwell, 2012, p. 54-65.

GACA, Kathy. Ancient warfare and the ravaging martial rape of girls and women: Evidence from Homeric epic and Greek drama. *In*: MASTERSON, Mark; RABINOWITZ, Nancy Sorkin; ROBSON, James (eds) **Sex in Antiquity: Exploring Gender and Sexuality in the Ancient World**. Oxford: Routledge, 2015, p. 278-297.

\_\_\_\_\_. Girls, women, and the significance of sexual violence in ancient warfare. *In*: HEINEMAN, Elisabeth (ed.) **Sexual Violence in Conflict Zones**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2011, p. 73-88.

\_\_\_\_\_. Martial rape, pulsating fear, and the sexual maltreatment of girls, virgins, and women in antiquity. **The American Journal of Philology**, v. 135, n. 3, p. 305-357, 2014.

\_\_\_\_\_. Reinterpreting the Homeric simile of “Iliad” 16.7-11: The girl and her mother in ancient Greek warfare. **The American Journal of Philology**, v. 139, n. 2, p. 145-171, 2008.

\_\_\_\_\_. The andrapodizing of war captives in Greek historical memory. **Transactions of the American Philological Association**, v. 140, n. 1, p. 117-161, 2010.

GOTTSCHELL, Jonathan. Explaining wartime rape. **The Journal of Sex Research**, v. 41, n. 2, p. 129-136, 2004.

GRAHAM, Alexander John. The *Odyssey*, history and women. In: GRAHAM, Alexander John. **Collected Papers on Greek Colonization**. Leiden: Brill, 2001, p. 249-264.

GRAZIOSI, Barbara. **Homero**. Tradução de Marcelo Musa Cavallari e Maria Fernanda Lapa Cavallari. 2 ed. Araçoiaba da Serra: Mnêma, 2022.

GUTMAN, Roy. Foreword. In: STILGMAYER, Alexandra (ed.) **Mass Rape: The War against Women in Bosnia-Herzegovina**. Lincoln: University of Nebraska Press, 1994, p.ix-xiv.

HARRIS, Edward. Sympathy for the victims of sexual violence in Greek society and literature. In: DEACY, Susan; MAGALHÃES, José Malheiro; MENZIES, Jean Zacharski (eds) **Revising Rape in Antiquity: Sexualized Violence in Greek and Roman Worlds**. London: Bloomsbury Academic, 2023, p. 19-32.

HARRISON, F. Homer and the poetry of war. **Greece & Rome**, v. 7, n. 1, p. 9-19, 1960.

HARTUNG, John. Getting real about rape. **Behavioral and Brain Sciences**, v. 15, n. 2, p. 390-392, 1992.

HAYDEN, Robert. Rape and rape avoidance in ethno-national conflicts: Sexual violence in liminalized states. **American Anthropologist**, v. 102, n. 1, p. 27-41, 2000.

HEINEMAN, Elizabeth. Introduction: The history of sexual violence in conflict zones. In: HEINEMAN, Elizabeth (ed.) **Sexual Violence in Conflict Zones: From the Ancient World to the Era of Human Rights**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2011, p.1-21.

JENKINS, Ian. Is there life after marriage? A study of abduction motif in vase paintings of the Athenian wedding ceremony. **Bulletin of the Institute of Classical Studies**, v. 30, n. 1, p. 137-145, 1983.

JOHNSON, Marguerite. Warfare, violence, rape, revenge; Jane Holland’s Boudica & Co. In: DEACY, Susan; MAGALHÃES, José Malheiro; MENZIES, Jean Zacharski (eds) **Revising Rape in Antiquity: Sexualized Violence in Greek and Roman Worlds**. London: Bloomsbury Academic, 2023, p. 247-264.

KIRK, Geoffrey Stephen. **The Iliad: A Commentary Volume I, Books 1-4**. Cambridge, Cambridge University Press, 1985.

\_\_\_\_\_. **The Iliad: A Commentary Volume II, Books 5-8**. Cambridge, Cambridge University Press, 1990.

KIRK, Geoffrey Stephen; EDWARDS, Mark W. **The Iliad: A Commentary Volume V, Books 17-20**. Cambridge, Cambridge University Press, 1991.

- KIRK, Geoffrey Stephen; HAINSWORTH, Bryan. **The Iliad: A Commentary Volume III**, Books 9-12. Cambridge, Cambridge University Press, 1993.
- KIRK, Geoffrey Stephen; JANKO, Richard. **The Iliad: A Commentary Volume IV**, Books 13-16. Cambridge, Cambridge University Press, 1994.
- KIRK, Geoffrey Stephen; RICHARDSON, Nicholas. **The Iliad: A Commentary Volume VI**, Books 21-24. Cambridge, Cambridge University Press, 1993.
- LESSA, Fábio de Souza; MACIEL, Felipe Marques. A Helena épica sob a ótica do gênero. **Hélade**, v. 4, n. 1, p. 104-123, 2018.
- LITTLEWOOD, Roland. Military rape. **Anthropology Today**, v. 13, n. 2, p. 7-16, 1997.
- LOMAN, Pasi. No woman no war: Women's participation in ancient Greek warfare. **Greece & Rome**, v. 54, n. 1, p. 34-54, 2004.
- LYONS, Deborah. Family and marriage in Homer. *In*: PACHE, Corinne; DUÉ, Casey; LUPACK, Susan; LAMBERTON, Robert (eds) **The Cambridge Guide to Homer**. Cambridge: Cambridge University Press, 2020a, p. 329-331.
- LYONS, Deborah. Women in Homer. *In*: PACHE, Corinne; DUÉ, Casey; LUPACK, Susan; LAMBERTON, Robert (eds) **The Cambridge Guide to Homer**. Cambridge: Cambridge University Press, 2020b, p. 405-407.
- MARTIN, Emily. What is "rape?" – Toward a historical, ethnographic approach. *In*: TRAVIS, Cheryl Brown (ed.) **Evolution, Gender, and Rape**. Cambridge: The MIT Press, 2003.
- MATHYS, Gilian. Bringing history back: Past, Present, and Conflict in Rwanda and the Democratic Republic of Congo. **Journal of African History**, Cambridge, v. 58, n. 3, p. 465-487, 2017.
- MELLO, Maria Martha Pimentel de. A mulher em Homero. **Phônix**, n. 2, p. 215-228, 1996.
- MERRY, Sally Engle. **Gender Violence: A Cultural Perspective**. West Sussex: Wiley-Blackwell, 2009.
- MORENO, Cláudio. Todas as mulheres são Helena de Troia. **Revista Associação Psicanalítica de Porto Alegre**, n. 48, p. 153-169, 2015.
- MULLINS, Christopher W. "He would kill me with his penis": Genocidal rape in Rwanda as a state crime. **Critical Criminology**, v. 17, p. 15-33, 2009.
- MYWERS, Garth; KLAK, Thomas; KOEHL, Timothy. The inscription of difference: News coverage of the conflicts in Rwanda and Bosnia. **Political Geography**, v. 15, n. 1, p. 21-46, 1996.
- NETO, Ivan Vieira. A *Ilíada* de Homero e as raízes do helenismo. *In*: SANTOS, Dominique (org.) **Grandes epopeias da Antiguidade e do Medievo**. Blumenau: EDIFURB, 2014, p. 109-129.
- OLIVEIRA, Gustavo. Histórias de Homero: Um balanço das propostas de datação dos poemas homéricos. **Revista História e Cultura**, v. 1, n. 2, p. 126-147, 2012.
- \_\_\_\_\_. Homero: oralidade, tradição e história. **Nau Literária**, v. 4, n. 1, p. 1-22, 2008.



\_\_\_\_\_. Identidade heroica e identidade da multidão na “*Iliada*”. **Romanitas - Revista de Estudos Grecolatinos**, n. 2, p. 134-151, 2013.

OLSEN, Barbara. The worlds of Penelope: Women in the Mycean and Homeric economies. **Arethusa**, v. 48, n. 2, p. 107-138, 2015.

\_\_\_\_\_. Women, children, and the family in Late Aegean Bronze Age: Differences in Moan and Mycean constructions of gender. **World Archaeology**, v. 29, n. 3, p. 380-392, 1998.

OMITOWOJU, Rosanna. The crime that dares not speak its name: Violence against a woman in the Athenian courts. In: RIESS, Werner; FAGAN, Garrett (eds) **The Topography of Violence in the Greco-Roman World**. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2016, p. 113- 135.

PARRY, Milman. Studies in the epic technique of oral verse-making: I. Homer and Homeric style. **Harvard Studies in Classical Philology**, v. 41, n. 73, p. 73-147, 1930.

PETRIS, Chaidie. Gender roles in Homeric epic. **Medium**, 2020. Available at: <https://medium.com/lessons-from-history/gender-roles-in-homeric-epic-166ccc5e57d9>. Access date: 12 aug. 2021.

POMEROY, Sarah. **The Muder of Regilla: A Case of Domestic Violence in Antiquity**. Cambridge: Harvard University Press, 2007.

PORTER, James. Homer: the history of an idea. In: FOWLER, Robert (ed.) **Cambridge Companion to Homer**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. p. 324-343

PRICE, Theodora. Hero-cult and Homer. **Historia: Zeitschrift Für Alte Geschichte**, v. 22, n. 2, p. 129-144, 1973.

ROISMAN, Hanna. Helen in the *Iliad*; *Causa belli* and victim of war: From silent weaver to public speaker. **American Journal of Philology**, v. 127, n. 1, p. 1-36, 2006.

SAFFIOTI, Heleieth. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. **Cadernos Pagu**, n. 16, p. 115-136, 2001.

SAHLINS, Marshall. Other times, other customs: The anthropology of history. **American Anthropologist**, v. 85, n. 3, p. 517-544, 1983.

SAIS, Lilian. A sexualidade das cativas na *Iliada*. **Nearco**, v. 4, p. 72-80, 2011.

\_\_\_\_\_. **Mulheres de Homero: O caso das esposas da Odisseia**. 2016. 186 f. Tese de doutorado (Pós-graduação em Letras Clássicas) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

SCOTT, Joan. Gender: A useful category of historical analysis. **The American Historical Review**, v. 91, n. 5, p. 1053-1075, 1986.

SEIFERT, Ruth. Rape in wars: Analytical approaches. **Minerva**, v. 11, n. 2, 1993.

\_\_\_\_\_. The female body as political body: Rape, war and the nation. **Difesa Sociale**, v. 86, n. 2, p. 41-54, 2007.

\_\_\_\_\_. The second front: The logic of sexual violence in wars. **Women’s Studies International Forum**, v. 19, n. 1, p. 35-43, 1996.

\_\_\_\_\_. War and rape: A preliminary analysis. *In*: STILGMAYER, Alexandra (ed.) **Mass Rape: The War against Women in Bosnia-Herzegovina**. Lincoln: University of Nebraska Press, 1994, p. 54-72.

SHARLACH, Lisa. Rape as genocide: Bangladesh, the former Yugoslavia, and Rwanda. **New Political Science**, v. 22, n. 1, 2010.

SOUZA, Nilciana Machado de. **Cultura e educação da nobreza feminina em Homero e Virgílio**. 2023. 26 f. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Letras) – Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2023.

STILGMAYER, Alexandra. The rapes in Bosnia-Herzegovina. *In*: STILGMAYER, Alexandra (ed.) **Mass Rape: The War against Women in Bosnia-Herzegovina**. Lincoln: University of Nebraska Press, 1994, p. 82-169.

\_\_\_\_\_. The War in the Former Yugoslavia. *In*: STILGMAYER, Alexandra (ed.) **Mass Rape: The War against Women in Bosnia-Herzegovina**. Lincoln: University of Nebraska Press, 1994, p. 1-34.

TILIO, Rafael de. Teorias de gênero: Principais contribuições teóricas oferecidas pelas perspectivas contemporâneas. **Gênero**, v. 14, n. 2, p. 125-148, 2014.

TURNER, Frank M. The Homeric question. *In*: MORRIS, Ian; POWELL, Barry B. (eds) **A New Companion to Homer**. Leiden: Brill, 1997, p. 123-145, p.123-145.

VIKMAN, Elisabeth. Ancient origins: Sexual violence in warfare, Part I. **Anthropology & Medicine**, v. 12, n. 1, p. 21-31, 2005a.

\_\_\_\_\_. Modern combat: Sexual violence in warfare, Part II. **Anthropology & Medicine**, Abingdon, v. 12, n. 1, p. 33-46, 2005b.

WEES, Hans van. **Status Warriors: War, Violence and Society in Homer and History**. Amsterdam: J.C. Gieben, 1992.

\_\_\_\_\_. The Homeric way of war: The ‘Iliad’ and the hoplite phalanx. **Greece & Rome**, v. 41, n. 1, p. 1-18, 1994.

WHITTAKER, Hélène. Gender roles in the Odyssey. *In*: BRIT, Berggreen; NANNO, Marinatos (eds) **Greece and Gender**. Athens: Paul Astroms, 1995, p. 29-41.

YAMAGATA, Naoko. Clothing and identity in Homer: The case of Penelope’s web. **Mnemosyne**, v. 58, n. 4, p. 539-546, 2005.

ZIELIŃSKI, Karol. Women as victims of war in Homer’s oral poetics. **Humanities**, v. 8, n. 3, p. 141-157, 2019.